

A AVIFAUNA DA UNISO

Rafael de Oliveira Lisboa
Nobel Penteado de Freitas
Thiago Simon Marques



A AVIFAUNA DA UNISO

Reitor e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPG):

José Martins de Oliveira Jr.

Pró-Reitor Administrativo, de Inovação e de

Internacionalização (PROADIN): Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitor de Graduação, Assuntos Estudantis e Extensão

(PROGRADE): Fernando de Sá Del Fiol

Direção editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editores assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho editorial

Daniel Bertoli Gonçalves

José Martins de Oliveira Júnior

José Renato Poli

Luiz Paulo Ribeiro

Marcelo Augusto Scudeler

Marco Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Rafael Augusto Moreira

Vidal Dias da Mota Junior

Editora da Universidade de Sorocaba (Eduniso)

Biblioteca "Aluísio de Almeida"

Rodovia Raposo Tavares KM 92,5

18023-000 – Jardim Novo Eldorado

Sorocaba | SP | Brasil

Fone: (15) 21017018

E-mail: eduniso@uniso.br

Site: <https://editora.uniso.br>

Rafael de Oliveira Lisboa
Nobel Penteado de Freitas
Thiago Simon Marques

A AVIFAUNA DA UNISO

Eduniso
Sorocaba/SP
2026

©2026 A avifauna da Uniso.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Todos os direitos desta edição estão reservados aos autores.



4.0 internacional

Créditos

Capa: Gabriel Dias de Barros

Normalização: Vilma Franzoni

Diagramação: Silmara Pereira da Silva Martins

Ficha Catalográfica

Lisboa, Rafael de Oliveira.

A Avifauna da Uniso / Rafael de Oliveira Lisboa, Nobel
Penteado de Freitas, Thiago Simon Marques. – Sorocaba, SP:
Eduniso, 2026.

212p.

Publicação digital (e-book) em formato PDF

e-ISBN: 978-65-89550-40-2

DOI: <https://doi.org/10.22482/eduniso.72>

1. Ave – Uniso (Sorocaba, SP) - Identificação. 2.
Fauna – Uniso (Sorocaba, SP). 3. Biodiversidade – Uniso
(Sorocaba, SP). I. Lisboa, Rafael de Oliveira. II. Freitas, Nobel
Penteado de. III. Marques, Thiago Simon.

Rafael de Oliveira Lisboa
Nobel Penteado de Freitas
Thiago Simon Marques

A AVIFAUNA DA UNISO

AGRADECIMENTOS

Nada se constrói sozinho, e com este livro não foi diferente. Apesar de levar a autoria, a obra que aqui se presta não foi construída apenas por mim, mas sim por um conjunto de pessoas que se movimentaram de diferentes formas para tornar meu desejo realidade. A todas essas pessoas, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos – sem vocês, eu seria nada.

Para começar, tenho que agradecer imensamente a Malu Andrade, uma pessoa especial, que dedicou incontáveis horas para me acompanhar durante toda a jornada; desde as noites mal dormidas para me acompanhar em trabalhos de campo até as excruciantes horas de conversas sobre aves e os mais diversos assuntos. – Malu, você foi essencial para a conclusão desta obra e da minha formação, obrigado.

Não posso deixar de agradecer a minha família; pai, mãe e irmão, que sempre me apoiaram e incentivaram em todas as minhas empreitadas. – Vocês sempre estiveram aqui por mim, cuidando da minha saúde e do meu bem-estar, e me deram a base para que eu me tornasse o que sou hoje, obrigado.

Agradeço imensamente aos meus professores orientadores, que me apoiaram desde o início do meu curso. Agradeço também aos meus amigos, que me auxiliaram tanto nos trabalhos de campo, quanto em inúmeras outras etapas deste trabalho; Obrigado Amanda Moretti, Claudinei Fernandes,

Cynthia Malheiros, Gabriel Henrique, Leonardo Costa, Louise Ferraz e Marcella Silva.

E por fim, preciso agradecer a equipe da UNISO, especialmente da segurança, que sempre me recebeu tão bem em seus portões e garantiu minha segurança durante os trabalhos de campo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tela Inicial do site iNaturalist	30
Tela inicial do site eBird.....	31
Tela inicial do site WikiAves.....	32
Vista superior do campus.....	33
Mapa da Universidade de Sorocaba	35
Praça central do campus.....	37
Paisagem do NEAS.....	40
Cão abandonado vagando pelo NEAS	46
Comparação das vistas de satélite da região do campus da UNISO	48
Peitica (<i>Empidonomus varius</i>).....	68
Bando de irerês (<i>Dendrocygna viduata</i>).....	69
Patos-do-mato (<i>Cairina moschata</i>) com padrão de cor doméstico	71
Casal de marrecas-ananai (<i>Amazonetta brasiliensis</i>).....	72
Jacuguaçu (<i>Penelope obscura</i>)	74
Pombo-doméstico (<i>Columba livia</i>)	76
Pomba-asa-branca (<i>Patagioenas picazuro</i>)	77
Juriti-pupu (<i>Leptotila verreauxi</i>).....	79
Avoante (<i>Zenaida auriculata</i>)	80
Rolinha-roxa (<i>Columbina talpacoti</i>).....	81
Bando de anus-pretos (<i>Crotophaga ani</i>).....	82
Anu branco (<i>Guirra guira</i>)	83

Alma-de-gato (<i>Piaya cayana</i>).....	85
Bacurau (<i>Nyctidromus albicollis</i>)	89
Fêmea de bacurau-chintã (<i>Hydropsalis parvula</i>).....	90
Macho de bacurau-tesoura (<i>Hydropsalis torquata</i>)	91
Beija-flor-preto (<i>Florisuga fusca</i>).....	94
Rabo-branco-acanelado (<i>Phaetornis pretrei</i>)	95
Fêmea de estrelinha-ametista (<i>Calliphlox amethystina</i>)	96
Besourinho-de-bico-vermelho (<i>Chlorostilbon lucidus</i>).....	97
Beija-flor-tesoura (<i>Eupetomena macroura</i>).....	98
Beija-flor-de-peito-azul (<i>Chionomesa lactea</i>)	99
Beija-flor-dourado (<i>Hylocharis chrysura</i>).....	100
Carão (<i>Aramus guarauna</i>).....	101
Saracura-sanã (<i>Pardirallus nigricans</i>)	103
Saracura-três-potes (<i>Aramides cajaneus</i>).....	104
Saracura-do-mato (<i>Aramides saracura</i>)	105
Quero-quero (<i>Vanellus chilensis</i>)	108
Biguatinga (<i>Anhinga anhinga</i>).....	109
Bando de biguás (<i>Nannopterum brasilianum</i>)	111
Socó-dorminhoco (<i>Nycticorax nycticorax</i>).....	113
Socozinho (<i>Butorides striata</i>).....	114
Garças-vaqueiras (<i>Bubulcus ibis</i>)	115
Garça-moura (<i>Ardea cocoi</i>).....	116
Garça-branca-grande (<i>Ardea alba</i>)	117
Maria-faceira (<i>Syrigma sibilatrix</i>)	118
Garça-branca-pequena (<i>Egretta thula</i>).....	119

Coró-coró (<i>Mesembrinibis cayennensis</i>)	120
Urubu-preto (<i>Coragyps atratus</i>).....	122
Gavião-caramujeiro (<i>Rostrhamus sociabilis</i>) macho jovem.....	124
Gavião-carijó (<i>Rupornis magnirostris</i>)	126
Corujinha-do-mato (<i>Megascops choliba</i>)	129
Filhotes de coruja-buraqueira (<i>Athene cunicularia</i>)	131
Martim-pescador-pequeno (<i>Chloroceryle americana</i>).....	134
Tucanuçu (<i>Ramphastos toco</i>).....	136
Picapauzinho-de-coleira (<i>Picumnus temminckii</i>) macho	137
Pica-pau-de-banda-branca (<i>Dryocopus lineatus</i>)	139
Pica-pau-verde-barrado (<i>Colaptes melanochloros</i>)	140
Pica-pau-do-campo (<i>Colaptes campestris</i>)	141
Seriema (<i>Cariama cristata</i>)	144
Carcará (<i>Caracara plancus</i>).....	147
Carrapateiro (<i>Mivalgo chimachima</i>)	148
Periquito-rico (<i>Brotogeris tirica</i>)	150
Casal de papagaios-verdadeiros (<i>Amazona aestiva</i>).....	151
Tuim (<i>Forpus xanthopterygius</i>)	152
Periquitão (<i>Psittacara leucophthalmus</i>)	153
João-de-barro (<i>Furnarius rufus</i>).....	156
João-porca (<i>Lochmias nematura</i>)	157
Ferreirinho-relógio (<i>Todirostrum cinereum</i>)	160
Gibão-de-couro (<i>Hirundinea ferruginea</i>)	161
Maria-cavaleira (<i>Myiarchus ferox</i>)	164
Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (<i>Myiarchus tyrannulus</i>)	165

Bem-te-vi (<i>Pitangus sulphuratus</i>)	166
Suiriri-cavaleiro (<i>Machetornis rixosa</i>)	167
Bem-te-vi-rajado	168
Bentevizinho-de-penacho-vermelho (<i>Myiozetetes similis</i>)	169
Suiriri (<i>Tyrannus melancholicus</i>)	170
Tesourinha (<i>Tyrannus savana</i>)	171
Peitica (<i>Empidonomus varius</i>)	172
Lavadeira-mascarada (<i>Fluvicola nengeta</i>)	173
Suiriri-pequeno (<i>Satrapa icterophrys</i>)	175
Pitiguari (<i>Cyclarhis guajanensis</i>)	176
Gralha-do-campo (<i>Cyanocorax cristatellus</i>)	178
Andorinha-pequena-de-casa (<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>)	179
Corruíra (<i>Troglodytes musculus</i>)	181
Sabiá-barranco (<i>Turdus leucomelas</i>)	182
Sabiá-poca (<i>Turdus amaurochalinus</i>)	183
Sabiá-do-campo (<i>Mimus saturninus</i>)	184
Bico-de-lacre (<i>Estrilda astrild</i>)	185
Fim-fim (<i>Euphonia chlorotica</i>)	187
Tico-tico (<i>Zonotrichia capensis</i>)	189
Encontro (<i>Icterus pyrrhopterus</i>)	191
Chupim (<i>Molothrus bonariensis</i>)	192
Pula-pula (<i>Basileuterus culicivorus</i>)	194
Saíra-de-chapéu-preto (<i>Nemosia pileata</i>) macho	195
Cambacica (<i>Coereba flaveola</i>)	197
Tico-tico-rei (<i>Coryphospingus cucullatus</i>) macho	198

Coleirinho (<i>Sporophila caerulea</i>) macho.....	200
Figuinha-de-rabo-castanho (<i>Conirostrum speciosum</i>) macho.....	201
Canário-da-terra (<i>Sicalis flaveola</i>) macho	202
Sanhaço-cinzento (<i>Thraupis sayaca</i>)	203
Sanhaço-do-coqueiro (<i>Thraupis palmarum</i>)	204
Saíra-amarela (<i>Stilpnia cayana</i>) macho	205

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
O QUE É UMA AVE?	17
A OBSERVAÇÃO DE AVES.....	25
A CIDADE UNIVERSITÁRIA	33
LISTAGENS DE AVES.....	49
AS AVES NA UNISO	63
ORDEM ANSERIFORMES LINNAEUS, 1758	69
FAMÍLIA ANATIDAE LEACH, 1820.....	70
ORDEM GALLIFORMES LINNAEUS, 1758.....	73
FAMÍLIA CRACIDAE RAFINESQUE, 1815	74
ORDEM COLUMBIFORMES LATHAM, 1790.....	75
FAMÍLIA COLUMBIDAE LEACH, 1820.....	76
ORDEM CUCULIFORMES WAGLER, 1830	82
FAMÍLIA CUCULIDAE LEACH, 1820	83
ORDEM NYCTIBIIFORMES YURI <i>ET AL.</i> , 2013.....	86
FAMÍLIA NYCTIBIIDAE CHENU & DES MURS, 1851.....	87
ORDEM CAPRIMULGIFORMES RIDGWAY, 1881	88
FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE VIGORS, 1825	89
ORDEM APODIFORMES PETERS, 1940	92
FAMÍLIA APODIDAE OLPHE-GALLIARD, 1887.....	93
FAMÍLIA TROCHILIDAE VIGORS, 1825.....	94
ORDEM GRUIFORMES BONAPARTE, 1854.....	101

FAMÍLIA ARAMIDAE BONAPARTE, 1852.....	102
FAMÍLIA RALLIDAE RAFINESQUE, 1815.....	103
ORDEM CHARADRIIFORMES HUXLEY, 1867	107
FAMÍLIA CHARADRIIDAE LEACH, 1820	108
ORDEM SULIFORMES SHARPE, 1891	109
FAMÍLIA ANHINGIDAE REICHENBACH, 1849.....	110
FAMÍLIA PHALACROCORACIDAE REICHENBACH, 1849	111
ORDEM PELECANIFORMES SHARPE, 1891	112
FAMÍLIA ARDEIDAE LEACH, 1820	113
FAMÍLIA THRESKIORNITHIDAE POCHE, 1904.....	120
ORDEM CATHARTIFORMES SEEBOHM, 1890	121
FAMÍLIA CATHARTIDAE LAFRESNAYE, 1839	122
ORDEM ACCIPITRIFORMES BONAPARTE, 1831.....	123
FAMÍLIA ACCIPITRIDAE VIGORS, 1824	124
ORDEM STRIGIFORMES WAGLER, 1830.....	128
FAMÍLIA STRIGIDAE LEACH, 1830	129
ORDEM CORACIIFORMES FORBES, 1844	132
FAMÍLIA ALCEDINIDAE RAFINESQUE, 1815	133
ORDEM PICIFORMES MEYER & WOLF, 1810.....	135
FAMÍLIA RAMPHASTIDAE VIGORS, 1825.....	136
FAMÍLIA PICIDAE LEACH, 1820.....	137
ORDEM CARIAMIFORMES FÜRBRINGER, 1888.....	142
FAMÍLIA CARIAMIDAE LEACH, 1820	143
ORDEM FALCONIFORMES BONAPARTE, 1831.....	145
FAMÍLIA FALCONIDAE LEACH, 1820	146

ORDEM PSITTACIFORMES WAGLER, 1830.....	149
FAMÍLIA PSITTACIDAE RAFINESQUE, 1815.....	150
ORDEM PASSERIFORMES LINNAEUS, 1758	154
FAMÍLIA TAMNOPHILIDAE SWAINSON, 1824.....	155
FAMÍLIA FURNARIIDAE GRAY, 1840	156
FAMÍLIA PLATYRINCHIDAE BONAPARTE, 1854	159
FAMÍLIA RHYNCHOCYCLIDAE BERLEPSCH, 1907.....	160
FAMÍLIA TYRANNIDAE VIGORS, 1825.....	161
FAMÍLIA VIREONIDAE SWAINSON, 1837	176
FAMÍLIA CORVIDAE LEACH, 1820	178
FAMÍLIA HIRUNDINIDAE RAFINESQUE, 1815	179
FAMÍLIA MIMIDAE BONAPARTE, 1853	184
FAMÍLIA ESTRILDIDAE BONAPARTE, 1850.....	185
FAMÍLIA PASSERIDAE RAFINESQUE, 1815	186
FAMÍLIA FRINGILLIDAE LEACH, 1820	187
FAMÍLIA PASSERELLIDAE CABANIS & HEINE, 1850.....	189
FAMÍLIA PARULIDAE WETMORE <i>ET AL.</i> , 1947	193
FAMÍLIA THRAUPIDAE CABANIS, 1847	195
O FUTURO DAS AVES NA UNISO	206
GLOSSÁRIO	207
REFERÊNCIAS.....	209
SOBRE OS AUTORES.....	212

INTRODUÇÃO

A Universidade de Sorocaba é uma instituição forte, atualizada e movida pelo progresso, que com seu programa de sustentabilidade consegue se alocar em altas posições em rankings sobre o assunto. Seu campus principal, a Cidade Universitária Professor Aldo Vannucchi, é apontado como referência em toda a região metropolitana de Sorocaba. O mérito da UNISO na comunidade local e no mundo sustentável não se deve somente a sua infraestrutura moderna e seus investimentos na energia renovável, mas também a seu histórico com pesquisas ambientais de ponta e seus princípios norteadores.

A conexão da UNISO com a natureza ainda é mais profunda que somente a sustentabilidade; a Cidade Universitária é recheada de vida. As áreas verdes da universidade compõem mais de 76% da propriedade, e os principais objetivos disso são propiciar aos alunos um contato real com o trabalho de campo e criar um verdadeiro refúgio para a biodiversidade local.

Dentre as centenas de espécies de animais que já foram encontradas no campus, as que mais se destacam são, de longe, as aves. As aves são os animais que mais se adaptaram à convivência com os humanos e uma parte importante da rotina da universidade – não há manhãs de sol sem o canto da seriema ou um entardecer sem os duetos dos João-de-Barro; as paisagens

visuais e sonoras da Universidade de Sorocaba são repletas de aves em seu âmago.

Neste trabalho, apresentarei uma abordagem integrativa sobre a Avifauna presente no campus da Universidade de Sorocaba com base em estudos prévios que contribuíram para a compreensão das características ambientais locais. O conteúdo propõe uma introdução às práticas de observação de aves, abordando metodologias, ferramentas e princípios de taxonomia e nomenclatura científica. Além disso, este volume reúne a listagem mais abrangente das espécies de aves registradas na Cidade Universitária até o presente, acompanhada de informações sobre suas características biológicas, aspectos ecológicos, curiosidades e simbolismos culturais associados.

A quem se destina esse livro?

Este livro é dedicado a todos que se interessam minimamente por aves, não somente, mas especialmente, a estudantes de biologia e robistas da ornitologia. Espera-se criar com este livro um banco de dados rico em conhecimentos científicos e anedóticos que possam contribuir com a observação de aves e a ornitologia em um geral, dentro e fora da Universidade de Sorocaba.

O QUE É UMA AVE?

Muitos podem acreditar entender o que é uma ave, e a maioria das pessoas pode até estar correta em sua percepção – mas será que a resposta é tão simples assim? Os seres humanos possuem uma curiosa tendência de agrupar as coisas por suas semelhanças: objetos mais semelhantes são vistos como mais relacionadas do que aqueles com mais diferenças. E é justamente assim que a biologia classifica os organismos!

A biologia é regida pela **teoria sintética da evolução**, uma teoria que engloba uma série de explicações para a diversidade que existe e já existiu naquilo que chamamos de vida. Ela nos diz que, ao longo de milhares de anos, os grupos de seres vivos acumulam pequenas características hereditárias que vão gradualmente os tornando grupos diferentes. Esse funcionamento faz com que cada linhagem de organismos tenha inúmeras ramificações, cada qual com suas características, construindo uma verdadeira Árvore da Vida, esse processo é o que chamamos de **evolução biológica**.

Ainda na biologia, os nomes que damos aos seres vivos têm significado, mas não somente de forma etimológica, eles também falam sobre a posição dos seres nessa árvore da vida e sobre a intimidade dos parentescos deles. Cada linhagem de seres vivos é chamada de **clado**, já os agrupamentos que criamos

para organizar os seres vivos são chamados de **táxons**, e a ciência que os estuda é chamada de **taxonomia**.

Então, o que chamamos de “Aves” nada mais é que um destes agrupamentos biológicos. Podemos, para simplificar, reunir algumas das características principais que tornam um organismo uma ave:

- As aves são os únicos animais vivos que possuem penas como revestimento da pele;
- Todas as aves possuem uma boca revestida de um bico córneo e sem dentes;
- São bípedes e possuem os braços adaptados em asas – a maioria das espécies voa;
- Nascem de ovos e os adultos cuidam dos filhotes;
- São capazes de regular a sua temperatura corporal e;
- Possuem um tórax altamente adaptado para o voo, contando com uma estrutura chamada de quilha, uma protuberância para o encaixe dos músculos das asas.

Nomenclatura científica e taxonomia

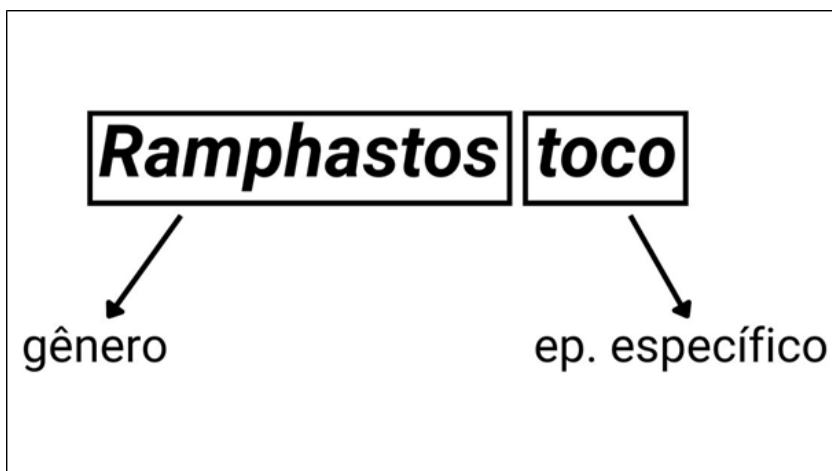
Você já reparou que em conteúdos sérios sobre a natureza as espécies são sempre referenciadas com dois nomes? Isso ocorre porque a ciência desenvolveu ferramentas para nomear e classificar os táxons de forma a indicar seus parentescos.

Como vimos, os seres vivos são conjuntos de características, portanto os nomes que damos a eles nos ajudam a sintetizar esses conjuntos e distinguir um grupo de outro. Por isso, chamamos as aves sul-americanas de corpo preto e bico grande e amarelo de “tucano-toco”, elas compartilham essas características entre si. É isso que os identifica e diferencia de, por exemplo, um “tucano-de-bico-verde”, que apesar de ser uma ave e ser um tucano, não possui o bico amarelo.

Acontece que, infelizmente, nem sempre a identificação de um grupo de seres vivos é imediata; o próprio “tucano-toco” também é conhecido como “tucanuçu” em algumas regiões do Brasil. O fato de existir mais de um nome para um mesmo grupo pode gerar uma confusão, por isso na biologia existe uma forma de classificar e nomear espécies para que qualquer pessoa do planeta possa reconhecê-las como o que elas realmente são. Esse tipo de classificação é uma ferramenta da ciência, e é conhecida como **nomenclatura binominal**.

A nomenclatura binominal foi criada com o intuito de padronizar os nomes das espécies de organismos de todo o mundo; é uma forma de nomear os seres vivos com combinações únicas de palavras. A nomenclatura é chamada de binominal pois possui dois nomes, um escrito com a primeira letra maiúscula – **o gênero** – e um escrito em letras minúsculas – **o epíteto específico**. Juntos, estes dois nomes identificam uma espécie. Por exemplo, o tucano-toco, que cientificamente é chamado de:

Identificação de gênero e epíteto específico na nomenclatura binominal¹



Na nomenclatura científica, cada espécie possui um binômio, onde o gênero indica um grupo mais abrangente (que pode conter várias espécies), e a combinação deste gênero com

¹ As imagens de 1 à 3, foram elaboradas pelos autores.

diferentes epítetos específicos representa as diferentes espécies que esse gênero abriga. Por exemplo:

- *Ramphastos toco* (tucano-toco);
- *Ramphastos dicolorus* (tucano-de-bico-verde);
- *Ramphastos tucanus* (tucano-grande-de-papo-branco);
- *Ramphastos vitellinus* (tucano-de-bico-preto).

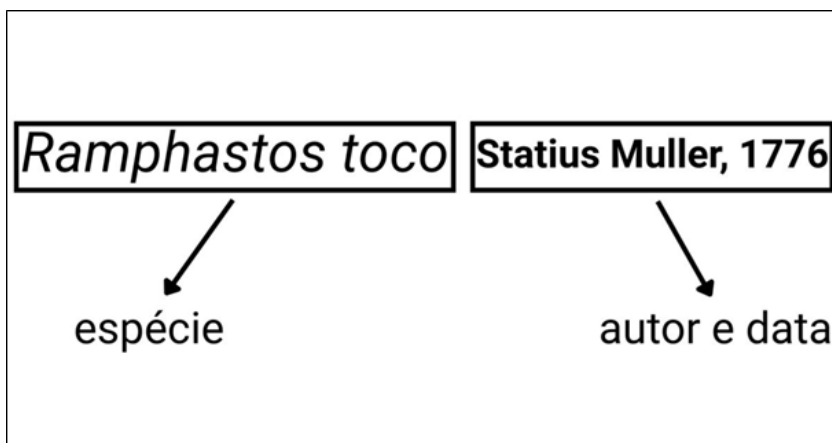
Além de ser binominal, a nomenclatura científica também é latinizada, isto é, as palavras que dão nome aos seres vivos são latinas, ou adaptadas ao latim. O latim é uma língua morta, o que significa que não existirão grandes mudanças em sua ortografia ou pronúncia, e isso dá mais segurança aos nomes científicos, que serão os mesmos independentemente do local ou período de tempo. Os nomes científicos devem ser escritos com as letras em itálico ou sublinhadas, ou de alguma outra forma que as diferencie do resto do texto, para facilitar a identificação.

Por fim, também é comum encontrar um terceiro nome ao lado do binômio: ele não é escrito em itálico e acompanha um número. Esse nome refere-se ao sobrenome do cientista que descreveu a espécie, seguido do ano de publicação do trabalho original. Por vezes, o nome estará dentro de parênteses, o que significa que essa espécie foi descrita por este autor, mas que seu gênero foi modificado por outro(s). Essa mudança é muito comum, e geralmente acontece quando novos cientistas

descobrem novas evidências sobre o processo evolutivo da espécie, que alteram sua taxonomia.

Todas essas regras que regem a nomenclatura científica estão descritas no Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN), e o conceito que permeia tudo isso é chamado de Sistema Lineano, pois foi idealizado por Carolus Linnaeus no século XVIII e aprimorado ao longo dos séculos até o presente.

Identificação de espécie e autor e data de publicação na nomenclatura binominal

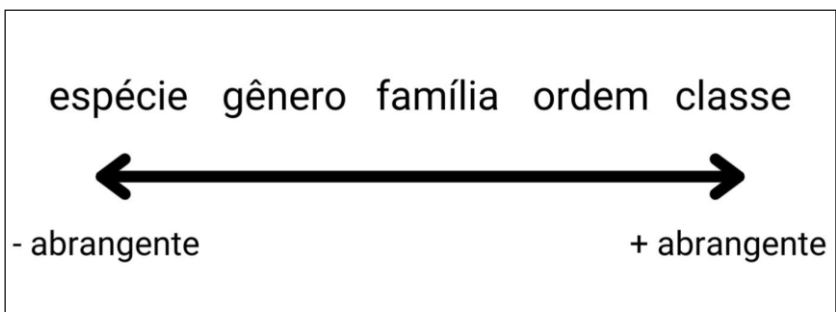


Hierarquização dos táxons

A unidade da taxonomia é a “espécie”, uma palavrinha que pode ter vários significados de autor para autor, mas que, basicamente, consiste em um grupo de organismos altamente homogêneos em suas características. A partir desta unidade, surgem outros táxons mais genéricos, ou seja, aqueles que abarcam mais organismos usando características um pouco menos homogêneas para juntá-los.

Conforme os táxons vão sendo nomeados, eles são colocados em uma ordem. A ideia consiste em que um táxon mais abrangente possua mais espécies, enquanto um táxon menos abrangente possua menos espécies. Quando falamos de animais, os táxons mais comumente utilizados são:

Hierarquização dos táxons quanto à abrangência de espécies



O tucanuçu (*Ramphastos toco*), por exemplo, é uma espécie e está dentro de um gênero com outras espécies, que

estão todas dentro da família Ramphastidae, que inclui todos os outros gêneros de tucanos, que por consequência são todos da ordem Picidae, que inclui também os pica-paus, e, por fim, os tucanos e pica-paus fazem parte da classe Aves, que inclui todas as outras espécies de aves existentes, cada qual com seus gêneros, famílias e ordens. Quando um táxon abriga somente um táxon específico, como uma ordem de única família ou um gênero de apenas uma espécie, o chamamos de **monotípico**.

A OBSERVAÇÃO DE AVES

As aves são seres vivos muito chamativos. Sua diversidade é imensa, são mais de 10.000 espécies ao redor de todo o globo. Suas cores e formatos são inúmeros, e fazem desse grupo um verdadeiro chamariz para amantes da natureza.

Com sua beleza, as aves foram capazes de nos proporcionar um tipo único de atividade ao ar-livre, o **birdwatching**, ou também chamada de observação de aves. Esse tipo de atividade contribui muito ao ecoturismo, já que pessoas de todos os tipos podem desfrutar da natureza e apreciar as aves em seu ambiente natural.

O interesse das pessoas pelas aves tem tornado o birdwatching um dos segmentos de maior crescimento do ecoturismo. Milhares de pessoas ao redor de todo o mundo dedicam seu tempo e dinheiro para viagens e passeios em unidades de conservação e outras áreas naturais, girando a economia local dessas áreas e incentivando a conservação da natureza.

Como observar aves?

A observação de aves é uma atividade simples e divertida, e consiste em apreciar a diversidade de formas, cores, tamanhos, sons e comportamentos que cada ave nos apresenta. Apreciar

essa biodiversidade pode parecer difícil em um mundo cada vez mais urbanizado e poluído, onde nossas rotinas são corridas e mal temos tempo para cuidar de nós mesmos, e realmente é! Mas tudo começa pelo início, e o básico pode ser a resposta.

Para aqueles que estão dispostos a abrir os olhos e ouvidos, a observação de aves começa no singelo ato de abrir uma janela; ver o céu azul, ouvir os sons do ambiente, permitir a mente imaginar tudo aquilo que pode surgir naquela vista, estes são os pequenos passos para começar a perceber que as aves estão presentes em todo lugar, até mesmo em grandes cidades.

Ferramentas da observação

Muitos observadores de aves possuem binóculos pesados que os auxiliam a observar aves pequeninas a centenas de metros, já outros possuem câmeras fotográficas mais caras do que carros que os ajudam a fazer fotos surreais. Mas a verdade é que **nada disso é estritamente necessário para fazer uma boa observação**. As verdadeiras três coisas necessárias para fazer uma boa observação de aves são: olhos atentos, ouvidos apurados e uma mente curiosa pronta para aprender.

Olhos atentos podem perceber os pequenos movimentos nos arbustos da calçada, e revelar uma série de mães e pais procurando insetos para seus filhotes. Ouvidos apurados

conseguem distinguir os cantos no final da tarde, mesmo em meio à confusão do trânsito. E por fim, as mentes curiosas são capazes de unificar todas essas informações e aprender que a natureza está presente em cada mínimo detalhe de nossas vidas.

Outra ferramenta muito útil para o birdwatching é a internet. Sites como a Wikipédia, o WikiAves e o Birds of the World, ou aplicativos para o celular, como o Merlin e o iNaturalist, são ótimas formas de adquirir um conhecimento muito valioso sobre as aves. Se você não conhece nada sobre estes animais, essas são referências ótimas para estudar!

Playback

O playback também é uma importante ferramenta para a observação de aves. A prática consiste em tocar de forma artificial o som de uma ave em um ambiente para que os indivíduos de uma certa espécie reajam.

Apesar de bastante eficaz, e até necessária (em alguns casos), a prática do playback é muito polêmica, já que seu uso inadequado pode levar animais sadios ao stress desnecessário e até mesmo o abandono de ninhos. Cada ave reage de forma única ao playback; machos tendem a se tornar territoriais, fêmeas são atraídas pelos cantos e bandos se tornam curiosos.

O ideal é utilizar o playback de forma consciente, sempre com o máximo de cautela, estudando o comportamento e as reações de cada ave quando o som é tocado. Tocar os sons de forma pausada é sempre bom. Também é importante lembrar que toda vez que uma ave responde a um playback, uma parte de sua energia é dedicada a isso, tornando-a vulnerável a predadores, portanto é nosso dever entender os limites de cada ave e respeitar suas capacidades, nem todos os animais são capazes de cantar por longos minutos.

Localidades

As grandes unidades de conservação da Amazônia, as terras altas dos Andes e as chapadas do nordeste brasileiro são lugares lindos para se observar aves, mas temos de concordar que eles também são certamente inacessíveis para a maioria das pessoas. Portanto, novamente, o básico é a resposta.

O Brasil é um dos países com a maior quantidade de espécies de aves do mundo! Isso significa que em uma praça no meio da cidade ou em um parque público você pode observar dezenas de espécies de aves. Áreas com árvores são muito chamativas para estes animais, o que faz com que esses pontos verdes do ambiente urbano se tornem verdadeiras ilhas de

biodiversidade dentro do mosaico de cinzas que as ruas e prédios formam.

Ciência cidadã

Mas além da conservação e da economia, a observação de aves também é uma forte aliada da ciência. Através dela, pessoas sem relações com universidades ou com o meio acadêmico podem contribuir com dados científicos relevantes para pesquisas reais. Isso é conhecido como “Ciência Cidadã”.

A ciência cidadã surge em um cenário onde as pesquisas científicas demandam cada vez mais dados, ao mesmo tempo em que a participação das “pessoas comuns” se torna cada vez mais presente no meio acadêmico por meio das plataformas digitais e da divulgação científica.

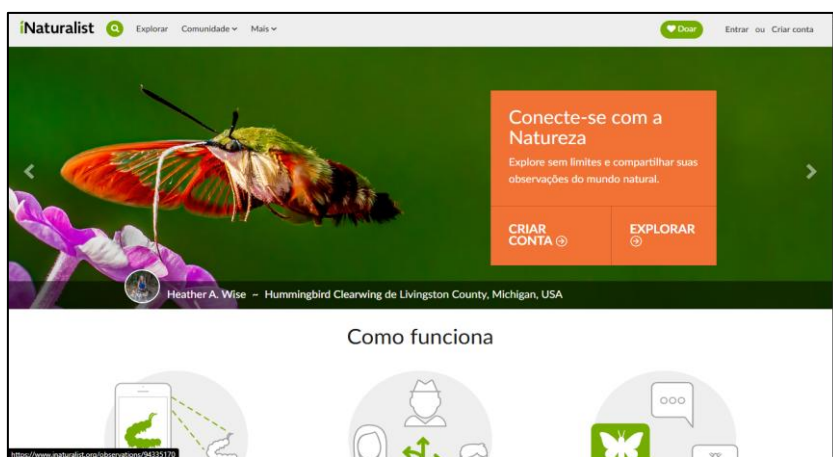
Atualmente, com o avanço da tecnologia e a criação de interfaces amigáveis, sites online, como iNaturalist, eBird e Wikiaves, se tornaram centros da ciência cidadã, onde cada observador de aves pode registrar suas observações e contribuir para um banco de dados público imenso, que auxilia pesquisadores de todo o mundo a acompanharem o movimento de populações migratórias, a expansão de ocorrência de espécies em tempo real, a mortalidade de espécies em vidraças e muito mais.

Os registros utilizados para ilustrar este livro também podem ser encontrados nas plataformas digitais iNaturalist e Wikiaves.

iNaturalist

O iNaturalist é uma plataforma global de compartilhamento de observações da biodiversidade. O portal comporta arquivos de imagem e áudio, e permite aos usuários identificarem as formas de vida observadas por espécies ou táxons genéricos, sendo possível, também, questionar a identificação dada por outros usuários. O site conta com filtros de pesquisa detalhados, o cadastramento de projetos e locais para facilitar a busca por registros específicos.

Tela Inicial do site iNaturalist

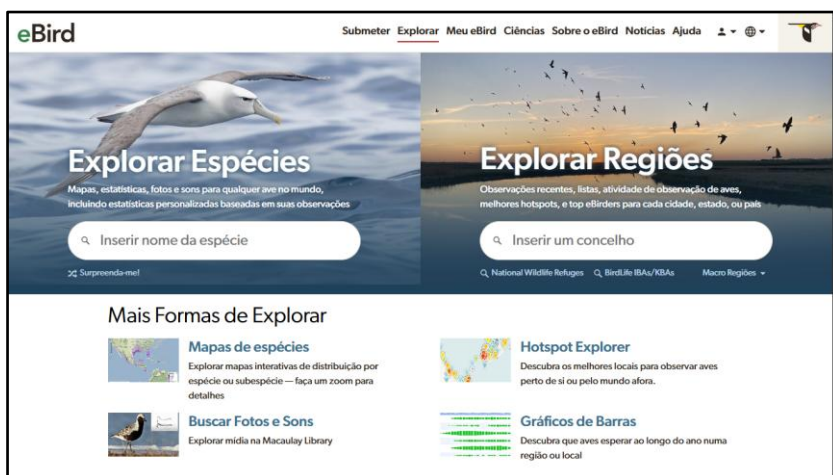


Fonte: [inaturalist.org](https://www.inaturalist.org)

eBird

Assim como iNaturalist, o eBird é uma plataforma digital global, mas é focado somente em registros de aves. O site funciona com a criação de listas, que podem ser realizadas em tempo real por aplicativos no celular, como o Merlin ou o próprio eBird. As listas submetidas ao site podem ser acompanhadas de fotos e áudios. Todos os dados gerados no eBird auxiliam o projeto Birds of The World, que reúne especialistas para a construção de artigos detalhados sobre cada ave existente no mundo utilizando bibliografia confiável. Os projetos eBird, Merlin e Birds of the World são todos conectados e desenvolvidos pelo laboratório de ornitologia da Universidade de Cornell, nos EUA.

Tela inicial do site eBird

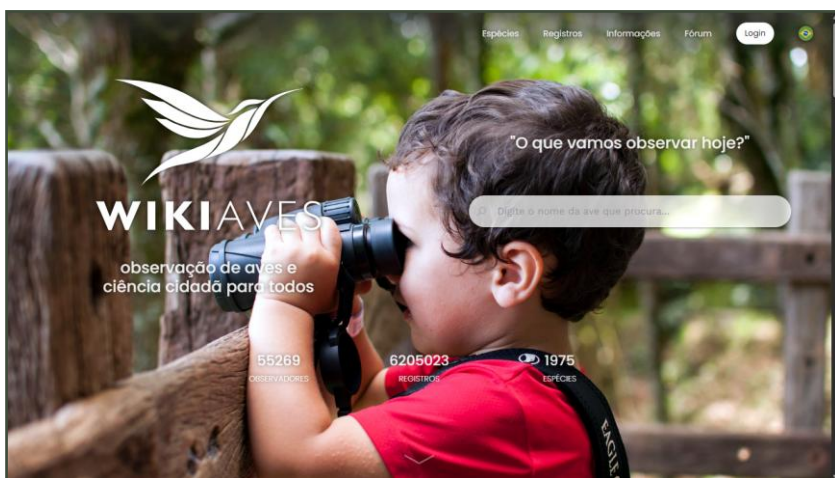


Fonte: ebird.org

WikiAves

O WikiAves, diferente das outras plataformas, é um portal brasileiro, restrito a aves brasileiras, e é o sítio de ciência cidadã mais popular do país. O site permite que usuários realizem uploads de suas fotos e áudios de aves observadas no Brasil, e dispõe de filtros específicos para pesquisas aprofundadas. Os dados adquiridos pelos usuários do WikiAves auxiliam a compor páginas explicativas sobre cada ave, com o auxílio de bibliografia especializada.

Tela inicial do site WikiAves



Fonte: www.wikiaves.com.br

A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Para falar das aves, o foco deste livro, precisamos entender o local onde elas vivem. Neste capítulo vou abordar um pouco sobre a área de estudo deste trabalho, sua história e aspectos ambientais, especialmente como eles atuam na biodiversidade da avifauna local.

Vista superior do campus



Histórico e divisões

De acordo com Peçanha e colaboradores (2000), em meados dos anos 90 do século XX, a Fundação Dom Aguirre (FDA) comprou uma área de pouco mais de 135ha na zona leste do município de Sorocaba. Hoje, nesta área, encontram-se a

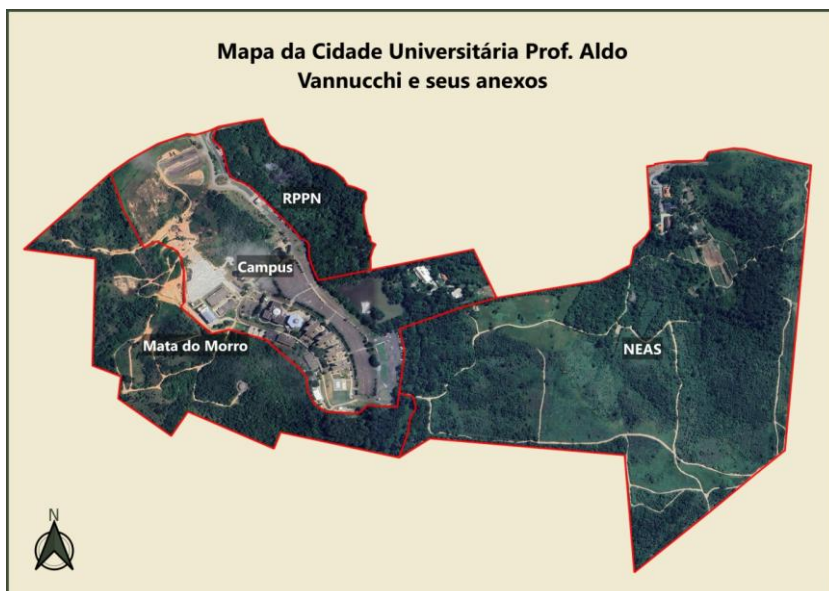
Cidade Universitária Professor Aldo Vannucchi, o principal campus da Universidade de Sorocaba, e seus anexos.

Antes de ser um centro universitário, a área já foi uma chácara, uma destilaria e uma retífica de motores, e ao mesmo tempo sempre exerceu atividades agropecuárias, como a produção de leite, uvas, rosas e outras.

Hoje, o campus possui uma área construída de cerca de 25ha, e o resto do terreno consiste em áreas verdes, onde alunos de cursos da área ambiental realizam estudos e pesquisas, e que também servem de abrigo para centenas de espécies animais.

Com isso, é possível dividir a propriedade da seguinte forma: o Campus (área urbana), a Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), a Mata do Morro e o Núcleo de Estudos Ambientais de Sorocaba (NEAS). Todas as áreas estão divididas e mapeadas no mapa a seguir.

Mapa da Universidade de Sorocaba



Fonte: Adaptado de Google Satélite, 2025.

O Campus

A Cidade Universitária é o rosto da UNISO e, através de sua arquitetura e aspectos ambientais, simboliza tudo aquilo que a universidade defende e transmite.

O local recebe visitas de milhares de alunos e funcionários todos os dias, que passam horas estudando e desenvolvendo projetos nas salas de aula, biblioteca, laboratórios e quadras. Os diferentes setores do campus estão em constantes reformas, adequando a infraestrutura para os novos valores, visões e públicos que a UNISO recebe ao longo dos anos.

Mas não é só a arquitetura que caracteriza a área, já que a arborização chamativa, que mescla espécies exóticas e nativas, auxilia na beleza estética e funcional do ambiente, assim como o grande lago do Hospital Veterinário, cheio de patos, garças e outros animais aquáticos.

A proximidade do campus com as áreas verdes da propriedade proporciona aparecimentos frequentes de ouriços, tatus, sabiás e seriemas, que passeiam pelas ruas e prédios em busca de restos de alimentos e abrigo.

Praça central do campus



A RPPN

A Reserva Particular de Patrimônio Natural é uma área cercada dentro da propriedade da UNISO com acesso restrito, para que entrem apenas funcionários e alunos autorizados a realizar estudos e trabalhos na área. A RPPN tem seus limites no antigo horto florestal da prefeitura de Sorocaba e em uma série de propriedades privadas.

O objetivo central dessa reserva é proporcionar uma área verde que possa servir de abrigo para espécies de diferentes formas e cores, contribuindo para uma convivência mais sustentável com a natureza.

A Mata do Morro

Por trás da Cidade Universitária, ao poente, se ergue uma elevação irregular, um morro coberto por árvores, cortado por trilhas e coroado com uma caixa d'água. Pelos alunos, a área é conhecida como "A Trilha da Caixa D'água".

A área foi cercada e deixada para que se recupere pelo processo de sucessão natural. Na parte mais alta o solo é mais seco e o ambiente, mais aberto. Conforme o morro desce, a mata se adensa ao redor de uma antiga plantação de eucaliptos, até chegar a uma nascente.

O NEAS

O Núcleo de Estudos Ambientais de Sorocaba surgiu com a proposta de incentivar a pesquisa científica na UNISO, e seu primeiro trabalho foi um projeto de despoluição do rio Sorocaba. O Núcleo se tornou uma ótima forma de aproveitar o espaço comprado à época, e se tornou um local onde alunos de Ciências Biológicas, Farmácia e Engenharias Agrônoma e Ambiental podem ter aulas práticas e desenvolver projetos.

O Núcleo possui uma área urbanizada, com laboratórios, estufas, um museu, uma área de convivência e salas de aula, também possui duas áreas dedicadas a atividades agronômicas e uma ao reflorestamento. O resto do terreno foi deixado para recuperação ambiental natural.

Paisagem do NEAS



Bioma e vegetação

Originalmente, as terras do campus da UNISO eram altamente degradadas, especialmente pela criação de gado, com áreas de pasto e agricultura. Após a aquisição do terreno, diversas propostas de reflorestamento e reabilitação ambiental foram aplicadas nas porções da propriedade, com destaque ao espaço da RPPN, que hoje, após 25 anos, é uma verdadeira mata de cobertura nativa.

O primeiro estudo de caracterização do campus, realizado na década de 1990 e publicado em 2000 por Peçanha e seus colaboradores, encontrou dificuldades em identificar com precisão o tipo de vegetação que cobria a propriedade antes da

ocupação humana. No entanto, alguns fragmentos da mata original revelaram a presença de espécies-chave, que permitiram inferir que a região era coberta por uma mata mesófila semidecídua, um tipo de floresta estacional semidecidual, típica do bioma onde Sorocaba está inserida.

Uma floresta estacional semidecidual pode ser descrita de forma simples a partir de seu nome: “estacional” indica que o ambiente possui duas estações bem demarcadas – uma quente e úmida, e outra fria e seca; já “semidecidual” indica que de 20 a 50% das árvores da mata perdem suas folhas durante o inverno.

Apesar de estar inserida no bioma da Mata Atlântica, Sorocaba também possui algumas características do bioma Cerrado, o que lhe garante o nome de Zona de Transição – ou Ecótono –, uma área de encontro entre dois biomas, que mescla suas características e espécies, formando ambientes riquíssimos em biodiversidade.

Os projetos de reflorestamento e restauração foram responsáveis por plantar mais de 80 espécies de árvores nativas na Cidade Universitária. Além disso, muitas outras áreas foram deixadas para o processo de recuperação natural do ambiente.

Hoje, o campus é formado por vários fragmentos de vegetação secundária que abrigam uma enorme variedade de plantas e animais.

Geomorfologia

As rochas que aflorem no campus da UNISO fazem parte do maciço Sorocaba, uma enorme massa de granitos formados a partir de bolsões de magma, que subiram do manto da Terra até regiões mais frias do subsolo, onde permaneceram e se resfriaram. Essas rochas nasceram encaixadas no Grupo São Roque, um conjunto de outras formações rochosas de diferentes tipos que ocupa uma parte do interior do estado de São Paulo.

Na Cidade Universitária e em seus anexos, muitas evidências da formação granítica do subsolo podem ser observadas: os matacões. Estas são enormes rochas arredondadas, que na UNISO podem chegar a ter seis metros de diâmetro. O campus da universidade foi construído no meio de um campo de matacões. Os matacões da UNISO são feitos de granitos porfiríticos, ou seja, granitos que se esfriaram mais lentamente, permitindo que alguns elementos químicos se unissem em cristais maiores dentro da rocha.

O solo da propriedade é seco, arenoso, formado de muito cascalho. Nas trilhas de terra do NEAS é possível observar enormes cristais que escorregam até as baixadas. Já o relevo é acidentado, com vários morros, subidas e descidas. A altitude varia de 615 a 689 metros.

Solo erodido do NEAS



Desafios ambientais

Como vimos a Cidade Universitária prof. Aldo Vannucchi dispõe de diferentes ambientes, que são verdadeiros refúgios para a fauna silvestre. Todavia, nem tudo são flores, e o ambiente pode apresentar algumas dificuldades para os animais que ali buscam moradia.

Plantas invasoras

Apesar dos esforços para a recuperação das áreas da cidade universitária, elas não estão completamente a salvo. Diversas plantas exóticas já se estabeleceram nas dependências da universidade, e algumas parecem até mesmo expandir sua ocorrência.

No NEAS, nas antigas pastagens, alguns fragmentos florestais cresceram e se desenvolveram, formando manchas verde-escuras na vista de cima. Mas nas áreas mais abertas do Núcleo, as capoeiras foram tomadas por capins exóticos, como o capim-gordura e a braquiária, que impedem o crescimento de plantas nativas.

Na RPPN, a vegetação nativa é mais forte, já que cresceu com o auxílio humano, mas em suas bordas ainda é possível encontrar leucenas, palmeiras-leque e outras plantas ornamentais, como a helicônia, oriundas dos sítios que estão próximos.

Na área mais alta da Mata do Morro a expansão das leucenas é evidente. Essas plantas exóticas impedem o crescimento de nativas, degradam o solo e formam bosques homogêneos.

A quantidade de plantas exóticas nos fragmentos da UNISO pode influenciar diretamente na qualidade e quantidade da vida dos animais presentes no terreno e na região. Algumas, como as leucenas e palmeiras-fênix, ainda são espalhadas para outras áreas, contribuindo com a substituição da flora nativa por plantas exóticas, reduzindo a qualidade dos serviços ambientais providos pela flora, como a manutenção da temperatura e dos ciclos de energia na cadeia trófica.

Animais invasores

Além das plantas invasoras, o campus da UNISO também possui animais invasores, como os cães e gatos domésticos. Por diversas vezes estes animais já foram abandonados na área, e alguns deles foram capazes até mesmo de se reproduzir.

Os cães e gatos são predadores natos, capazes de matar bilhões de animais por ano, sendo responsáveis pela perda de biodiversidade em muitos lugares no mundo, especialmente nas regiões tropicais. Na UNISO, estes animais são alimentados pelas pessoas que lá trabalham e estudam, mas isso não é o suficiente para conter seus instintos selvagens, e muitos deles já foram vistos caçando nas áreas verdes do campus.

Os gatos nascidos na UNISO já se mostraram ariscos, o que indica que podem estar passando pela feralização, onde estes animais se tornam selvagens e esquivos à presença humana, um processo irreversível e altamente perigoso para a fauna nativa, especialmente aos répteis e aves.

Cão abandonado vagando pelo NEAS



Urbanização

Mas além dos fatores bióticos, a urbanização é outro problema para os animais da UNISO. A região leste de Sorocaba, onde a universidade se localiza, é considerada a mais verde do município, já que é nela que se encontra a bacia do rio Pirajibú, um importante afluente do rio Sorocaba, repleto de áreas de preservação permanente (APP), mas os planos de crescimento do município têm avançado cada vez mais para essa região.

O ambiente que circunda o terreno da UNISO é ocupado principalmente por propriedades rurais, mas quando observamos imagens históricas de satélite, é possível observar

um claro avanço da urbanização nos últimos 20 anos, o que pode causar a fragmentação dos habitats.

Para os animais, é muito mais difícil passar de um fragmento florestal ao outro quando existem estradas, prédios e concreto no caminho, é isso que faz com que seja cada vez mais difícil a chegada ou saída de animais do Campus da UNISO, diminuindo o fluxo gênico na região.

Além do desenvolvimento do entorno, a própria universidade demanda mais espaço a cada ano. Mas em contrapartida, os projetos de reflorestamento continuam ativos, e continuamente novas espécies arbóreas são acrescentadas aos fragmentos do campus.

A Cidade Universitária, com o tempo, pode se tornar uma enorme reserva de biodiversidade na região leste de Sorocaba, mas sem conectividade com outros fragmentos, isso tudo pode ser à toa.

Comparação das vistas de satélite da região do campus da UNISO



Fonte: Google Satélite, 2004, 2026.

LISTAGENS DE AVES

Até aqui, falamos muito sobre como a UNISO é biodiversa, mas como exatamente sabemos disso? Por meio de listagens! Muitas listagens de seres vivos já foram realizadas na universidade, e para este livro, realizei mais uma. Trabalhos como este são importantes para conhecer a biodiversidade e os comportamentos que compõem um ecossistema, e com isso realizar pesquisas científicas mais completas e uma educação ambiental mais ilustrativa.

Listagens anteriores

Este não é o primeiro trabalho realizado no campus da UNISO que se dedica a uma listagem de aves, duas pesquisas anteriores já realizaram levantamentos na área, estas são:

- “Caracterização ambiental do Campus Raposo da Universidade de Sorocaba – UNISO” – um estudo realizado por Marcela Pellegrini Peçanha e colaboradores, finalizado no ano de 2000, durante a implantação do campus;
- “Comparativo de avifauna do campus ‘Cidade Universitária’ da UNISO com dois parques do município de Sorocaba” – um trabalho de conclusão de curso (TCC) realizado por Leticia Santos de Souza e Rodolfo da Silva Pereira, finalizado em 2018.

O trabalho de Peçanha e colaboradores realizou um diagnóstico ambiental do campus da UNISO e, para isso, os cientistas reuniram alguns levantamentos de fauna, cada um focado em um grupo diferente, e dentre eles, as aves. A pesquisa resultou em 41 espécies de aves observadas na propriedade.

O trabalho de Souza & Pereira avalia as diferenças entre a avifauna da UNISO e de dois parques públicos de Sorocaba, considerando os papéis ecológicos das aves como bioindicadores associados à antropização. A pesquisa resultou em 77 espécies observadas no campus.

O trabalho de Peçanha *et al.* foi realizado em um período anterior às diversas investidas de restauração ecológica no campus, a partir das quais as áreas de pasto puderam se tornar matas secundárias nos dias de hoje, além disso, foram investidas apenas 16h de trabalho no levantamento. Estes dois fatores juntos podem contribuir para o baixo número de espécies identificadas.

Já no trabalho de Souza e Pereira, o terreno já era bastante semelhante ao que é hoje, e foram investidas cerca de 80h no trabalho. Esses dois fatores provavelmente foram o que resultou no número de espécies subir em quase 88% do primeiro levantamento para o segundo.

O levantamento atual

E então, para atualizar as listas da UNISO, realizei um novo levantamento. Nesta listagem, pensada para este livro, foram encontradas 94 espécies, e dedicadas cerca de 76h para o levantamento. Ou seja, 129% a mais que o primeiro levantamento e 22% a mais que o segundo. Como as metodologias dos três levantamentos não foram as mesmas, é difícil de tirar conclusões precisas sobre a evolução do ambiente com base apenas na quantidade de espécies, mas é possível notar uma enorme discrepância entre o primeiro e o terceiro levantamentos.

A passarinhada

Existem diversas formas de realizar um levantamento de espécies de aves de uma área, cada método possui suas características próprias, com seus prós e contras para cada situação. Escolher uma única forma de fazer as coisas é difícil, mas é o que garante confiança e uniformidade para um trabalho!

Quando falamos da UNISO, com todas as características que já vimos neste livro, temos que pensar em uma metodologia única que acolha todos os ambientes estudados. E é por isso que para este trabalho foi escolhida uma metodologia de busca ativa, a **passarinhada**.

Passarilhar é a forma mais básica de observação e catalogação de aves. As passarinhadas são muito realizadas em parques, praças, trilhas, e são grandes motivadoras do turismo ecológico. Com passos lentos você explora uma área em busca de qualquer sinal de aves, que podem ser registradas por fotos, vídeos, áudios ou simples escrita, construindo uma lista enquanto caminha. A passarinhada é altamente adaptativa, e pode ser realizada em qualquer lugar.

Esforço amostral e planejamento

Para realizar este levantamento, foram planejadas 48 saídas de campo, divididas entre manhã e tarde, variando os horários conforme o período do ano, ao longo de 2024 e 2025. Todavia, por razões variadas, só foram realizadas 38 saídas. Cada saída a campo contou com 02 horas de observação, totalizando 76 horas de trabalhos.

Ferramentas utilizadas

As ferramentas mais importantes utilizadas foram os ouvidos e os olhos. Assim que uma espécie era identificada por seus sons ou cores, seu nome era anotado em um bloco de notas no celular. Depois, tudo foi passado para uma planilha digital no

Microsoft Excel, onde cada registro foi organizado por data e período do dia.

Além dos registros escritos, foram feitos fotos e áudios, dois formatos que auxiliam na identificação de cada indivíduo registrado. As fotografias foram feitas com câmeras fotográficas Canon (EOS 80D e EOS Rebel SL2) equipadas com teleobjetivas (EF 75-300mm f4-5.6 III). Os áudios foram gravados com celulares e apps de gravação de som.

A lista geral

A diversidade de aves da UNISO é grande; unindo todas as listas de aves já documentadas, temos um registro histórico de **126 espécies**, distribuídas entre **20 ordens e 42 famílias**. Na tabela a seguir, estão dispostas todas as espécies em ordem filogenética, conforme a lista do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO).

Espécies de aves observadas na UNISO

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
Anseriformes	Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	C	AP
		<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato	C	AP
		<i>Amazonetta brasiliensis</i>	marreca-ananaí	C; NEAS	AP; SP
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope obscura</i>	jacuguaçu	C; NEAS; RPPN	AP
Columbiformes	Columbidae	<i>Patagioenas picazuro</i>	pomba-asa-branca	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	NEAS	AP
		<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	MM; NEAS	AP; SP
		<i>Zenaida auriculata</i>	avoante	C; NEAS	PP; AP; SP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
		<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-roxa	C; MM; NEAS	PP; AP; SP
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Guira guira</i>	anu-branco	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP
		<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	MM; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Tapera naevia</i>	saci	NEAS	AP; SP
		<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	C; NEAS	AP; SP
Nyctibiiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	urutau	NEAS	AP; SP
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	MM; NEAS	AP; SP
		<i>Hydropsalis parvula</i>	bacurau-chintã	NEAS	AP; SP
		<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	NEAS	AP
Apodiformes	Apodidae	<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal	Incerto	SP
	Trochilidae	<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto	Incerto	SP
		<i>Phaethornis pretrei</i>	rabo-branco-acanelado	C; NEAS; RPPN	AP
		<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista	NEAS	AP
		<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	C; MM; NEAS	AP; SP
		<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Chionomesa lactea</i>	beija-flor-de-peito-azul	Incerto	PP
		<i>Hylocharis chrysura</i>	beija-flor-dourado	NEAS	AP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
Gruiformes	Aramidae	<i>Aramus guarauna</i>	carão	C	AP; SP
Gruiformes	Rallidae	<i>Pardirallus nigricans</i>	saracura-sanã	C; RPPN	AP; SP
		<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-potes	C; RPPN	PP; AP
		<i>Aramides saracura</i>	saracura-do-mato	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Gallinula galeata</i>	galinha-d'água	C	AP
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	C; NEAS	PP; AP; SP
Suliformes	Anhingidae	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga	C	AP
	Phalacrocoracidae	<i>Nannopterum brasilianum</i>	biguá	C	AP
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Nycticorax nycticorax</i>	socó-dorminhoco	C; NEAS	AP
		<i>Butorides striata</i>	socozinho	Incerto	SP
		<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	NEAS	AP; SP
		<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura	C	AP
		<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	C	PP; AP; SP
		<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	Incerto	SP
		<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	C; NEAS; RPPN	AP; SP
	Threskiornithidae	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró	RPPN	AP; SP
Cathartiformes	Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	urubu-preto	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	C	AP
		<i>Accipiter striatus</i>	tauató-miúdo	C	AP
		<i>Urubitinga coronata</i>	águia-cinzenta	NEAS	CC
		<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	C; NEAS	PP; AP
		<i>Geranoaetus albicaudatus</i>	gavião-de-rabo-branco	NEAS	SP
Coraciiformes	Alcedinidae	<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	C; MM	PP; AP
		<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	Incerto	SP
Strigiformes	Strigidae	<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato	C; NEAS	AP; SP
		<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	C	PP; AP; SP
Piciformes	Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	C; MM; NEAS; RPPN	AP
	Picidae	<i>Picumnus temminckii</i>	picapauzinho-de-coleira	C; MM; NEAS; RPPN	AP
		<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco	C; NEAS	AP; SP
		<i>Veniliornis spilogaster</i>	pica-pau-verde-carijó	NEAS	AP; SP
		<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	NEAS	AP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
Piciformes	Picidae	<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela	NEAS	AP
		<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	C	AP; SP
		<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	C; MM; NEAS	PP; AP; SP
Cariamiformes	Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	seriema	C; RPPN	PP; AP; SP
Falconiformes	Falconidae	<i>Herpetheres cachinnans</i>	acauã	NEAS	AP
		<i>Caracara plancus</i>	carcará	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
		<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	C; NEAS	AP; SP
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-verdadeiro	C; MM; NEAS	AP
		<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	C; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquitão	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Thamnophilus caeruleus</i>	choca-da-mata	MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Taraba major</i>	choró-boi	NEAS	CC
	Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	C; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca	RPPN	AP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
		<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném	NEAS	PP; AP
		<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim	MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
	Platyrinchidae	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho	Incerto	PP
	Rhynchocyclidae	<i>Todirostrum cinereum</i>	ferreirinho-relógio	NEAS	PP; AP
	Tyrannidae	<i>Hirundinea ferruginea</i>	gibão-de-couro	C	AP; SP
		<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	C; NEAS	AP; SP
		<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	C	AP; SP
		<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	MM; NEAS	AP
		<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	MM; NEAS	AP; SP
		<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	NEAS	AP
		<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
		<i>Machetornis rixosa</i>	suiriri-cavaleiro	C; NEAS	AP
		<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado	MM; NEAS	PP; AP; SP
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
		<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	C; NEAS	AP; SP
		<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	C; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Tyrannus savana</i>	tesourinha	Incerto	SP
		<i>Empidonomus varius</i>	peítica	NEAS	AP
		<i>Fluvicola nengeta</i>	lavadeira-mascarada	C	AP; SP
		<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe	MM; NEAS	AP
		<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado	MM	AP
		<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno	Incerto	PP
	Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	C; MM; NEAS; RPPN	AP; SP
		<i>Vireo chivi</i>	juruviara	MM	AP
	Corvidae	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-do-campo	C; MM; NEAS	AP; SP
	Hirundinidae	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	C; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	C	AP
	Troglodytidae	<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
	Turdidae	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
		<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	NEAS	PP; AP; SP
		<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	Incerto	PP; SP
	Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	C	PP; AP; SP
	Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre	NEAS	PP; AP
	Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	pardal	C	PP; SP
	Fringillidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	C; MM; NEAS	PP; AP; SP
		<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	Incerto	SP
	Passerellidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	C; NEAS	PP; AP; SP
	Icteridae	<i>Psarocolius decumanus</i>	japu	C; MM; NEAS	AP
		<i>Icterus pyrrhopterus</i>	encontro	C; NEAS	AP
		<i>Molothrus bonariensis</i>	chupim	C	PP; AP; SP
	Parulidae	<i>Myiothlypis flaveola</i>	canário-do-mato	MM; NEAS	AP; SP
		<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula	C; MM; NEAS; RPPN	AP
	Thraupidae	<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	C	AP
Passeriformes	Thraupidae	<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro	Incerto	SP
		<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
		<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	C; NEAS	AP

A avifauna da Uniso

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Áreas de observação	Observadores
		<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei	NEAS	AP; SP
		<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto	Incerto	PP; SP
		<i>Ramphocelus carbo</i>	pipira-vermelha	Incerto	SP
		<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho	C; NEAS	PP; AP
		<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho	C	AP
		<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	C; NEAS	AP
		<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinzento	C; MM; NEAS; RPPN	PP; AP; SP
		<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro	C	AP; SP
		<i>Stilpnia cayana</i>	saíra-amarela	C; NEAS	AP

Fonte: Elaboração própria.

Nota: Seguem-se as seguintes siglas: AP=Autoria própria; CC=Ciência Cidadã; PP=Peçanha *et al.*; SP=Souza e Pereira. C=Campus; MM=Mata do Morro; NEAS=Núcleo de Estudos Ambientais de Sorocaba; RPPN=Reserva Particular de Patrimônio Natural

AS AVES NA UNISO

Mas então, quais são as aves que vivem na Cidade Universitária da UNISO? Como vimos, o campus e seus anexos são espaços grandes e bastante variados, que contam com fragmentos em recuperação de diferentes composições florísticas, o que garante aos animais um espaço interessante para chamar de lar.

A diversidade de aves da UNISO é grande; unindo todas as listas de aves já documentadas, temos um registro histórico de 126 espécies, distribuídas entre 20 ordens e 42 famílias, e nas páginas que se seguem você lerá um pouco sobre a sensibilidade dessas aves às mudanças ambientais, suas posições na teia alimentar, as características migratórias que algumas espécies possuem e por fim, este livro apresentará textos descritivos para cada uma das espécies encontradas no campus. Também, é importante ressaltar que a ordem das listas deste livro é filogenética, e a referência para ela é a lista de aves do Brasil feita pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos em 2021.

Sensibilidade e ameaça

Diferentes espécies de animais possuem diferentes sensibilidades às mudanças do ambiente, por isso, esse tema foi um dos tópicos abordados por Stotz (1996) que estabelece três

graus de sensibilidade ao distúrbio/degradação do habitat para as aves do neotrópico: baixo, médio e alto.

Aplicando os dados do trabalho de Stoltz às aves da UNISO, observamos apenas uma espécie de ave altamente sensível: a saracura-três-potes (*Aramides cajaneus*), outras 30 possuem sensibilidade média, e a maioria das aves presentes no campus, 94 espécies, possuem baixa sensibilidade. Apenas uma espécie não está listada na referência, o bico-de-lacre (*Estrilda astrild*).

Número de espécies por grau de sensibilidade



Já quanto à ameaça de extinção, podemos analisar cada espécie em vários níveis. Mas como assim? A extinção não é uniforme, ela pode ocorrer regionalmente antes de uma espécie ser globalmente extinta. Ser extinta regionalmente significa que a espécie deixa de existir em um local, mas não necessariamente em todos onde ocorria originalmente. Já quando uma espécie é extinta globalmente, significa que ela deixou de existir em todos os lugares e não há mais nenhum indivíduo vivo.

Para cobrir os diferentes níveis de extinção, foram consultadas três grandes listas de aves ameaçadas: a IUCN Redlist – consulta 2025 (nível global), a portaria MMA nº148 de 2022 (nível nacional) e o decreto nº63.853 de 2018 do estado de SP (nível estadual).

De todas as 126 espécies do campus, apenas uma está ameaçada a nível global ou nacional – a águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*), na categoria “Em perigo”. Já a nível estadual, são duas aves com grau de ameaça, a saracura-três-potes (*Aramides cajaneus*), que está listada como “Vulnerável”, e a águia-cinzenta, que está listada como “Criticamente ameaçada”.

Guildas

As guildas, ou nichos tróficos, são agrupamentos que criamos para falar de espécies que compartilham a mesma categoria alimentar. Estes grupos não falam sobre as relações evolutivas dos organismos, mas sim sobre o espaço que ocupam dentro da teia alimentar. Estudar as guildas nos mostra quais são as principais fontes alimentares no ambiente, o que pode nos dar boas informações sobre o ambiente estudado.

Ao todo, avaliando as aves da UNISO, podemos entender nove guildas:

Número de espécies por guilda alimentar

Guilda	Base da alimentação	Número de espécies no campus
Carnívoros	Carne, especialmente vertebrados	13
Detritívoros	Detritos, como carne ou frutos em decomposição	1
Frugívoros	Frutos	8
Granívoros	Sementes	11
Insetívoros	Insetos	32
Malacófagos	Moluscos	2
Nectívoros	Néctar	7
Onívoros	Alimentos de diversas origens	44
Piscívoros	Peixes	8

Aves migratórias e sazonais

A migração é um comportamento peculiar presente em muitos grupos animais, mas com certeza o brilho deste conceito fica para as aves. As migrações consistem no deslocamento sazonal de grandes populações de animais de uma região a outra, geralmente no eixo norte-sul.

São inúmeras as espécies de aves migratórias no planeta, e em geral, todas procuram fugir dos extremos de temperaturas e encontrar alimentos mais abundantes. Aquelas da família Scolopacidae são as mais conhecidas, pois viajam dezenas de milhares de quilômetros por ano. Mas nem todas as migrações são grandiosas, e algumas aves presentes no nosso dia-a-dia também apresentam comportamento migratório, algo que pode nos surpreender!

Durante o verão, as matas e campos da UNISO viram casa de temporada para seis espécies de aves migratórias, que ficam na nossa região apenas no período reprodutivo, e partem para a floresta amazônica durante o inverno, em busca de temperaturas maiores. Estas são:

- **Irré** (*Myiarchus swainsoni*);
- **Bem-te-vi-rajado** (*Myiodynastes maculatus*);
- **Tesourinha** (*Tyrannus savana*);
- **Peitica** (*Empidonomus varius*);
- **Enferrujado** (*Lathrotriccus euleri*);
- **Juruviara** (*Vireo chivi*).

Peitica (*Empidonomus varius*)



ORDEM ANSERIFORMES LINNAEUS, 1758

Esta, juntamente com Galliformes, é uma das mais antigas ordens de aves. Alguns representantes já extintos desta ordem conviveram com os antigos dinossauros não-avianos, antes de um asteroide destruir grande parte da vida do planeta há cerca de 66 milhões de anos atrás (Houde, 2021). Os integrantes de Anseriformes são os patos, marrecos, gansos e cisnes.

No geral, essas aves possuem o corpo achatado e adaptado para a natação; seus pés são curtos, fortes e possuem membranas entre os dedos, suas penas são altamente impermeáveis e seus bicos servem como filtros para coletar pequenos animais e vegetais na água.

Bando de irerês (*Dendrocygna viduata*)



FAMÍLIA ANATIDAE LEACH, 1820

Irerê, *Dendrocygna viduata* (Linnaeus, 1766).

É um pato de tamanho médio. Seu rosto é branco, com cabeça e pescoços pretos, o peito é de um castanho forte, com uma faixa preta até a cloaca, o resto do corpo é marrom. Facilmente reconhecido por sua vocalização, que parece dizer seu nome. É uma espécie comum na região de Sorocaba, costuma aparecer em bandos no lago do hospital veterinário da UNISO.

Pato-do-mato, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758)

Uma espécie emblemática da cultura brasileira, presente em muitas fazendas e sítios. São patos grandes. Os selvagens são negros com manchas brancas nas partes internas das asas e um brilho verde-metálico nas partes de fora. Já os domésticos variam em diferentes padrões de branco e preto. Alguns patos-do-mato podem ser encontrados ao redor do lago do hospital veterinário da UNISO.

Patos-do-mato (*Cairina moschata*) com padrão de cor doméstico



Marreca-ananaí, *Amazonetta brasiliensis* (Gmelin, 1789)

É um pato pequeno. De longe, macho e fêmea são parecidos, mas de perto é possível ver que o bico do macho é vermelho e suas asas possuem um brilho azul-esverdeado mais extenso do que a fêmea. Ambos possuem o corpo em tons de marrom. Na Cidade Universitária da UNISO, essa espécie está presente no lago do hospital veterinário, onde é possível observar filhotes com frequência.

Casal de marrecas-ananaí (*Amazonetta brasiliensis*)



ORDEM GALLIFORMES LINNAEUS, 1758

Esta, juntamente com a ordem Anseriformes, é uma das mais antigas ordens de aves. Alguns representantes já extintos deste grupo conviveram com os antigos dinossauros não-avianos, antes de um asteroide destruir grande parte da vida do planeta há 66 milhões de anos atrás (Houde, 2021). Os membros mais famosos de Galliformes são as galinhas e faisões, mas também estão neste grupo os jacus, mutuns, codornas e perdizes, animais bastante sociais, visados para a criação doméstica.

FAMÍLIA CRACIDAE RAFINESQUE, 1815

Jacuguaçu, *Penelope obscura* Temminck, 1815

De corpo negro acobreado, com detalhes esbranquiçados e um tom terroso sobre seu ventre, esta é uma ave grande, que anda em bandos em busca de alimentos, principalmente frutos. Seu som é alto e rouco e suas asas são barulhentas. Habitam fragmentos de mata. Apesar de não serem listados com status de ameaça, os estudos já realizados sobre as populações de jacuguaçus indicam que a espécie está diminuindo em número de indivíduos (Sick, 2001, p. 277). Na Cidade Universitária da UNISO, podem ser observados na área urbana do NEAS e no Campus procurando restos de alimentos e frutos.

Jacuguaçu (*Penelope obscura*)



ORDEM COLUMBIFORMES LATHAM, 1790

Esta ordem é composta por apenas uma família na qual todas as espécies são relativamente parecidas entre si. Nela estão os pombos, juritis, rolas e rolinhas – aves rechonchudas, de cabeça pequena e peito avantajado. Na maioria das vezes seus tons de cor variam do cinza claro ao marrom, mas não é difícil de encontrar exceções, principalmente na África e Oceania, onde existem espécies com variados tons do amarelo ao azul.

Os columbídeos caminham sobre o solo em busca de alimentos, como sementes, grãos, frutos e farelos. Nas grandes cidades é comum vê-los se alimentando de restos de alimentos humanos e lixo.

FAMÍLIA COLUMBIDAE LEACH, 1820

Pombo-doméstico, *Columba livia* Gmelin, 1789

É uma ave exótica, foi domesticada pelo homem para diversos fins, e hoje pode ser encontrada em populações ferais dentro de grandes centros urbanos de todo o mundo. Apesar de apresentar grande variação em sua coloração, o padrão original da espécie (quando selvagem) é de cor cinza, faixas pretas nas asas, cabeça escura e íris amarelada. Na Cidade Universitária são pouco comuns, mas existem, e costumam ficar empoleirados no topo dos prédios.

Pombo-doméstico (*Columba livia*)



Pomba-asa-branca, *Patagioenas picazuro* (Temminck, 1813)

É a maior pomba nativa do Brasil, tem o tamanho de um pombo-doméstico. Seu corpo é majoritariamente marrom-claro, com um padrão bem delimitado de manchas brancas nas pontas das penas das asas, sua cabeça e pescoço são levemente avermelhados e possui um meio colar de penas de aparência escamosa, azuis e vermelhas. Voa rápido, pode ser vista facilmente cruzando o céu em qualquer dos ambientes da Cidade Universitária, e é facilmente reconhecida pelo seu canto “gú-gú-gúuu”.

Pomba-asa-branca (*Patagioenas picazuro*)



Pomba-galega, *Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792)

Originalmente descrita no gênero *Columba*, o dos pombos-domésticos, a pomba-galega e outras espécies das Américas receberam posteriormente seu gênero próprio – *Patagioenas*. Essa pomba é grande, de corpo cinza nas partes inferiores e um forte vermelho-rosado nas partes superiores. Seu canto possui notas parecidas com as da pomba-asa-branca, mas é um pouco mais animado.

Juriti-pupu, *Leptotila verreauxi* Bonaparte, 1855

É uma rolinha completamente cinza, de olhos cor laranja, pouco maior que uma avoante, espécie da qual é muito semelhante. Seu canto é baixo, e geralmente pode ser ouvido em áreas de mata mais fechada, dando a sensação de estarmos rodeados por um coro. Prefere caminhar a voar. Pode ser vista sobre as áreas de cultivo do NEAS em busca de alimento, mas sua presença também é marcante nas matas mais fechadas do Morro.

Juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*)



Avoante, *Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847)

É considerada uma espécie superdominante no sudeste do Brasil; suas altas taxas de dispersão e boa adaptabilidade permitem que criem colônias de até um milhão de indivíduos em plantações, especialmente de grãos, e recentemente têm se espalhado cada vez mais para ambientes antropizados (Baptista *et al.*, 2024, p. 16; Dechoum *et al.*, 2024). Seu corpo é cinza-claro com leves tons terrosos, muito parecido à juriti-pupu, todavia possui o olho todo negro e manchas de mesma cor nas asas. Na Cidade Universitária, ocorre principalmente na parte mais urbanizada, onde caminham em busca de restos e sementes.

Avoante (*Zenaida auriculata*)



Rolinha-roxa, *Columbina talpacoti* (Temminck, 1811)

De todas as espécies de columbídeos que ocorrem na Cidade Universitária da UNISO, esta é a menor. Possui o corpo marrom-avermelhado, com a cabeça cinza-claro e manchas pretas na asa. É muito comum em ambientes urbanos de quase toda a América Latina, e na Cidade Universitária ocorre em quase todas as áreas, especialmente nas trilhas de terra batida.

Rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*)



ORDEM CUCULIFORMES WAGLER, 1830

Esta ordem possui apenas uma família, e é conhecida por formar o grupo dos cucos, aves com o hábito de parasitar ninhos, ou seja, depositar seus ovos nos ninhos de outras aves, para que os filhotes sejam cuidados por pais “adotivos”, mas nem todas as espécies da ordem apresentam esse comportamento.

Estão presentes em todo o Brasil e mundo. Algumas espécies vivem em campos abertos, sobrevoando e saltitando em busca de alimento. Outras vivem em florestas, pulando sobre os galhos ou correndo pelo chão. A diversidade de hábitos nesse grupo é enorme.

Bando de anus-pretos (*Crotophaga ani*)



FAMÍLIA CUCULIDAE LEACH, 1820

Anu-branco, *Guira guira* (Gmelin, 1788)

É uma ave social, vive em bandos familiares sobre campos e capoeiras. É muito adaptável, e tem se espalhado cada vez mais pelo país através do desmatamento (Sick, 2001, p. 389). Seu corpo é amarelo esbranquiçado, com asas e cauda negras por cima e brancas por baixo, possui um topete desgrenhado que geralmente está eriçado. Na reprodução, os membros de um grupo dividem o ninho - um único ninho pode ter até 20 ovos (Payne; Kirwan, 2020). Toleram bem a presença humana. Podem ser observados no NEAS e no Campus.

Anu branco (*Guira guira*)



Anu-preto, *Crotophaga ani* Linnaeus, 1758

Apesar de muito diferente em aparência, possui hábitos semelhantes aos do anu-branco; vive em grandes bandos familiares, compartilha ninhos e vive sobre campos e capoeiras. Possui um grande repertório vocal, comunica-se com sons semelhantes a gemidos. Seu corpo é todo preto com um brilho azulado nas asas, o bico é alto e negro, possui uma cauda longa. Seu som pode ser ouvido em todo o NEAS. Afasta-se quando percebe sinais de proximidade de humanos.

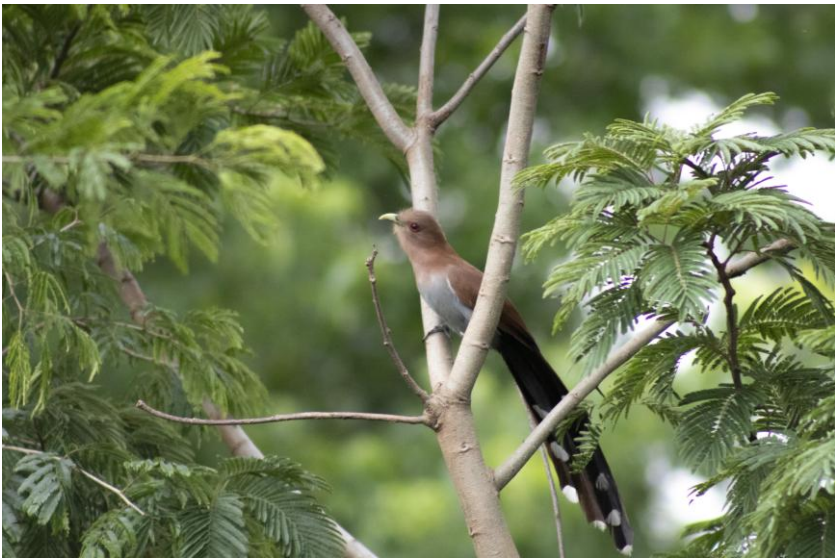
Saci, *Tapera naevia* (Linnaeus, 1766)

É um animal difícil de ser visto, frequentemente é mais ouvido do que visto. Sua silhueta é semelhante à de um anu-branco, com a cauda longa e o topete desgrenhado. Suas cores são marrom-claro no dorso e bege no ventre, possui pequenas listras pretas sobre as asas. É parasita de ninhos; ao nascer, o filhote de saci mata seus irmãos adotivos com seu bico curvo (Sick, 2001, p. 389). Seu canto é um assovio que pode ser ouvido de longe em áreas abertas, e soa como se dissesse seu nome, "sa-ci".

Alma-de-gato, *Piaya cayana* (Linnaeus, 1766)

Uma belíssima ave de dorso ferrugem e ventre cinzento, olhos vermelho-brilhantes e uma longa cauda com manchas brancas nas pontas das penas. Saltita sobre os galhos das árvores de matas mais fechadas, lembrando um esquilo. Seu chamado é um piado, mas também imita outras aves, como o bem-te-vi. Pode ser vista nas áreas mais arborizadas do NEAS.

Alma-de-gato (*Piaya cayana*)



ORDEM NYCTIBIIFORMES YURI *et al.*, 2013

Uma ordem monotípica exclusiva da América Latina. Seus membros, os urutaus, são levemente parecidos com os bacuraus, seus parentes próximos – não atoa, já foram considerados parte da mesma ordem, mas essa concepção foi alterada nos últimos tempos, e em 2013 o grupo dos urutaus recebeu um nome próprio.

Seus padrões de cores são crípticos, ou seja, variam do cinza-claro ao castanho, o que facilita sua camuflagem no ambiente, sua principal tática de defesa. Os adultos formam casais e cuidam juntos de um único filhote por vez.

FAMÍLIA NYCTIBIIDAE CHENU & DES MURS, 1851

Urutau, *Nyctibius griseus* (Gmelin, 1789)

Esta ave é quase indetectável durante o dia; sua plumagem e sua postura fazem com que se assemelhe em muito com a continuidade de um pedaço de pau ou galho quebrado. Possui olhos enormes para enxergar no escuro, mas que também se mantém atentos durante o dia, enxergando mesmo de pálpebras fechadas, através de pequenos furos. Sua boca é grande, e a abre durante seus voos para capturar insetos. O canto é assustador e facilmente reconhecível, muitas vezes é a melhor maneira de encontrar a ave.

ORDEM CAPRIMULGIFORMES RIDGWAY, 1881

Esta é uma ordem de aves noturnas bastante crípticas. Apesar de ser muito diversa, seus membros são de difícil diferenciação; suas cabeças são sempre quadradas, com olhos muito grandes, bicos pequenos e bocas enormes, seus pés geralmente são pequeninos. Os integrantes dessa ordem são os bacuraus.

Essas aves costumam ficar deitadas sobre estradas de terra batida, onde só podem ser ouvidas a distância ou vistas através dos reflexos que seus olhos emitem com o contato da luz de lanternas e flashes. Alimentam-se de insetos em pleno voo, como besouros e mariposas, e para isso, possuem asas longas e silenciosas. Curiosamente, seus ovos são postos diretamente no chão, muitas vezes sem o preparo de ninhos.

FAMÍLIA CAPRIMULGIDAE VIGORS, 1825

Bacurau, *Nyctidromus albigollis* (Gmelin, 1789)

É uma ave de corpo achatado e majoritariamente marrom, um tom mais claro sobre o ventre e outro mais escuro sobre o dorso e asas. Possui manchas de cor branca, marrom-escuro e cinza nas asas. Seu canto é muito característico, e pode ser ouvido ao decorrer da noite em diferentes tipos de habitats. Na Cidade Universitária, podem ser observados nas trilhas do NEAS logo após o anoitecer.

Bacurau (*Nyctidromus albigollis*)



Bacurau-chintã, *Hydropsalis parvula* (Gould, 1837)

Assim como o bacurau, o bacurau-chintã possui um canto muito distinto. Apesar da plumagem discreta, o macho possui manchas brancas no pescoço, na parte inferior das asas e na ponta da cauda. É bem menor que o bacurau comum, cabe na palma de uma mão. Para afastar predadores de seu ninho a mãe pode se fingir de machucada (WikiAves, 2025).

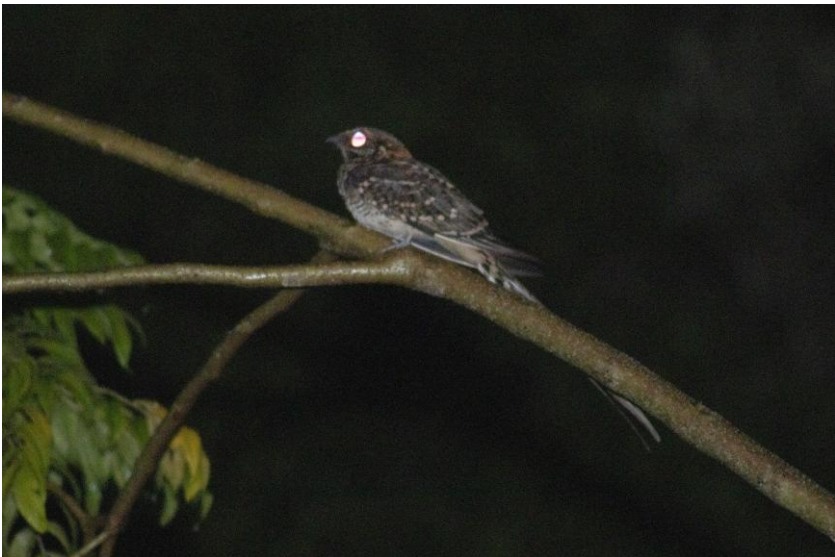
Fêmea de bacurau-chintã (*Hydropsalis parvula*)



Bacurau-tesoura, *Hydropsalis torquata* (Gmelin, 1789)

Muito semelhante a outros bacuraus, mas o macho possui uma longa cauda que pode equivaler a dois terços do comprimento total de seu corpo. Produz um som baixo e muito semelhante ao de grilos. Pouco se sabe sobre o ciclo de vida dessas aves (Witynski, 2020), e apesar de comuns em outras regiões, existem poucos registros dessa espécie em Sorocaba. Na UNISO, foi observado no NEAS antes do amanhecer, próximo ao estacionamento do campus.

Macho de bacurau-tesoura (*Hydropsalis torquata*)



ORDEM APODIFORMES PETERS, 1940

As aves desta ordem possuem adaptações muito curiosas para o voo. Suas principais características são os pés pequenos e o corpo aerodinâmico, a partir disso cada uma das famílias da ordem se especializou de forma quase que única para seus estilos de vida. São aves difíceis de fotografar devido a sua velocidade de voo.

A família Apodidae – dos andorinhões – é composta por aves que vivem a maior parte da sua vida no ar, algumas espécies só pousam na época de reprodução, a família está distribuída por todo o mundo. Já a família Trochilidae, a mais diversa da ordem – composta pelos beija-flores –, possui aves capazes de voar em todas as direções, inclusive para trás, e está presente somente nas Américas. Já a última família da ordem – Hemiprocnidae – está restrita à Oceania.

FAMÍLIA APODIDAE OLPHE-GALLIARD, 1887

Andorinhão-do-temporal, *Chaetura meridionalis* Hellmayr, 1907

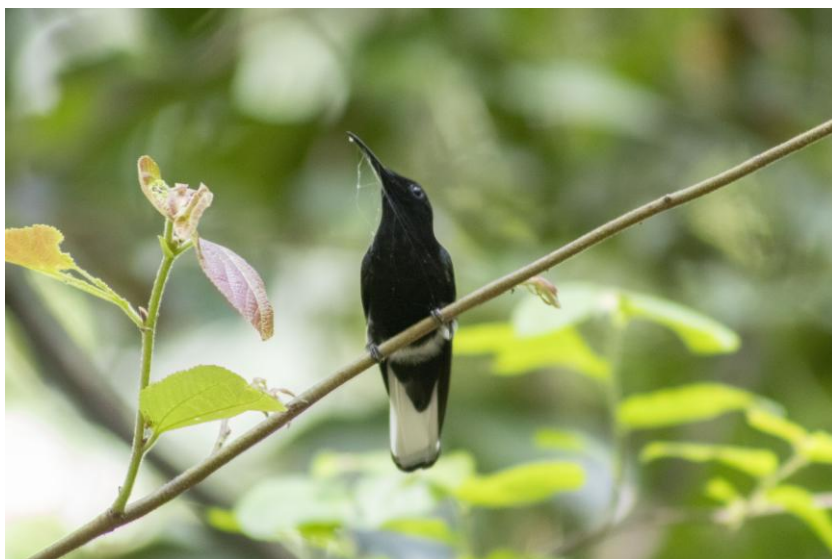
Ave de formato muito aerodinâmico, como todos os andorinhões. Seus pés são pequenos e adaptados para pousar na vertical. Seu bico é pequeno, mas sua boca é grande, para capturar insetos em voo. Seu corpo é marrom. Vive em bandos grandes, já foram observados grupos com até 700 indivíduos (Sick, 2001, p. 430).

FAMÍLIA TROCHILIDAE VIGORS, 1825

Beija-flor-preto, *Florisuga fusca* (Vieillot, 1817)

Este é um beija-flor de difícil identificação quando visto de longe. Seu corpo é negro, com exceção da cauda branca e uma pequena mancha iridescente nas asas. Comunica-se com cantos ultrassônicos. Pode ser encontrado em grupos com mais de 50 indivíduos, se houver comida abundante.

Beija-flor-preto (*Florisuga fusca*)



Rabo-branco-acanelado, *Phaethornis pretrei* (Lesson; Delattre, 1839)

Seu ventre é acanelado, suas costas e topo da cabeça são verdes, o rosto é branco com uma faixa preta sobre os olhos, possui uma cauda longa e preta, com cada pena finalizando com uma ponta branca. Também é conhecido como “limpa-casa”, por conta do seu hábito de se alimentar de insetos presos em teias de aranha. Pode ser encontrado na RPPN e no NEAS.

Rabo-branco-acanelado (*Phaetornis pretrei*)



Estrelinha-ametista, *Calliphlox amethystina* (Boddaert, 1783)

Esta é uma das menores espécies de beija-flor, não pesa mais do que de 3,5 gramas. Tanto os machos, quanto fêmeas, possuem o dorso verde-acobreado e barriga branca. A diferença entre os sexos é que o macho possui uma garganta roxa-ametista brilhante e cauda longa e bifurcada, enquanto a fêmea, não. Os machos dessa espécie se reproduzem com várias fêmeas por temporada e não as auxiliam nos cuidados dos filhotes.

Fêmea de estrelinha-ametista (*Calliphlox amethystina*)



Besourinho-de-bico-vermelho, *Chlorostilbon lucidus* (Shaw, 1812)

É uma ave de cores muito chamativas; o macho possui quase todo o corpo verde brilhante, com exceção da garganta e ponta da cauda, que são azuis. Seu bico é vermelho com a ponta preta. A fêmea possui o ventre e a garganta brancos. É muito comum na região de Sorocaba.

Besourinho-de-bico-vermelho (*Chlorostilbon lucidus*)



Beija-flor-tesoura, *Eupetomena macroura* (Gmelin, 1788)

É um beija-flor grande. Possui o tronco verde brilhante, já a cabeça, pescoço e cauda são roxos. Sua longa cauda tem formato de tesoura, o que dá origem ao seu nome. É muito presente em áreas urbanas, onde se alimenta em bebedouros, plantas nativas e até mesmo plantas ornamentais.

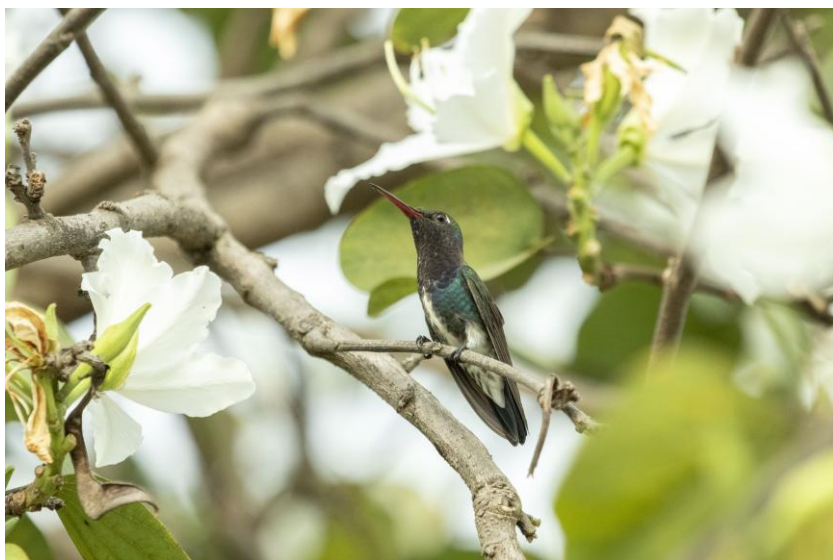
Beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*)



Beija-flor-de-peito-azul, *Chionomesa lactea* (Lesson, 1832)

Do tamanho de um besourinho-de-bico-vermelho, o macho possui o corpo verde, com exceção da garganta, que possui um azul intenso que se estende até o topo do peito, e do peito em si, que possui uma faixa branca vertical.

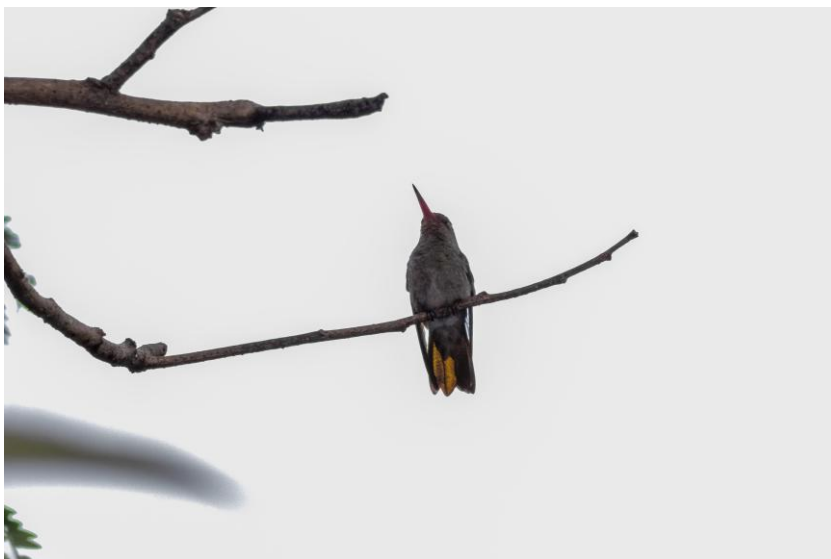
Beija-flor-de-peito-azul (*Chionomesa lactea*)



Beija-flor-dourado, *Hylocharis chrysura* (Shaw, 1812)

Esta espécie é extremamente semelhante em silhueta e padrões ao besourinho-de-bico-vermelho, inclusive na coloração do bico, mas possui o corpo em um verde mais dourado. Macho e fêmea se diferem muito pouco em aparência.

Beija-flor-dourado (*Hylocharis chrysura*)



ORDEM GRUIFORMES BONAPARTE, 1854

Esta ordem é composta por jacamins, saracuras, carão e frangos d'água. No geral, são aves com pernas longas, dedos compridos, corpos rechonchudos e de pouco hábito de voo. No Brasil, grande parte das espécies vive próxima a corpos d'água. Ao todo, existem seis famílias de Gruiformes, todavia somente duas ocorrem no campus da UNISO, Aramididae e Rallidae.

Carão (*Aramus guarauna*)



FAMÍLIA ARAMIDAE BONAPARTE, 1852

Carão, *Aramus guarauna* (Linnaeus, 1766)

Uma ave alta, de pernas e bico compridos, muito semelhante aos tresquiornítídeos (membros da família Threskiornithidae, da ordem Pelecaniformes). É marrom-escuro, possui manchas brancas nas pontas das penas do pescoço. Caminha pelas bordas de corpos d'água em busca de caramujos e outros invertebrados, seus principais alimentos. Podem ser observados em toda a região de Sorocaba, inclusive na Cidade Universitária da UNISO, no lago do hospital veterinário.

FAMÍLIA RALLIDAE RAFINESQUE, 1815

Saracura-sanã, *Pardirallus nigricans* (Vieillot, 1819)

Ave de penas escuras, com o ventre cinzento e as costas marrons. Seu canto é assustador e característico, pode ser utilizado como playback para atraí-la. Habita ambientes úmidos, como pântanos, beiras de lago e áreas alagadas. Já foi observada próximo aos corpos d'água da Cidade Universitária.

Saracura-sanã (*Pardirallus nigricans*)



Saracura-três-potes, *Aramides cajaneus* (Statius Muller, 1776)

Ave pernalta de corpo castanho-claro e cabeça cinza-azulada, muito semelhante à saracura-do-mato, com as cores da nuca e da barriga sendo as únicas diferenças facilmente perceptíveis (as cores se invertem de uma saracura para a outra). É mais ouvida do que vista, mas pode ser observada correndo pelo solo de áreas úmidas. No estado de São Paulo, está listada como uma espécie vulnerável (São Paulo, 2018).

Saracura-três-potes (*Aramides cajaneus*)



Saracura-do-mato, *Aramides saracura* (Spix, 1825)

Ave pernalta de corpo castanho-claro e pescoço e cabeça cinza-azulado, muito semelhante à saracura-três-potes, com as cores da nuca e da barriga sendo as únicas diferenças facilmente perceptíveis (as cores se invertem de uma saracura para a outra). Pode ser vista atravessando estradas de terra e ouvida cantando no entardecer. No campus da UNISO, está em todos os ambientes.

Saracura-do-mato (*Aramides saracura*)



Galinha-d'água, *Gallinula galeata* (Lichtenstein, 1818)

Com o tamanho de um pombo grande, esses animais correm pelas margens dos corpos d'água atrás uns dos outros. Seus corpos são negros, com manchas brancas nas asas e cauda. Sua principal característica está no rosto; um escudo facial coberto de uma pele vermelha brilhante, que desce até mais da metade do bico, este que possui a ponta amarela. Acostuma-se facilmente à presença humana, permitindo maiores aproximações. Diferentemente de outros pontos de Sorocaba, na UNISO a galinha-d'água é uma espécie incomum.

ORDEM CHARADRIIFORMES HUXLEY, 1867

Ordem muito presente em beiras de rios e praias, já que a maioria das espécies está associada à água de alguma forma. Seus integrantes são os maçaricos, pernilongos, narcejas, gaivotas, quero-quero e outros.

Além de seu membro mais famoso nos ambientes urbanos, o quero-quero, essa ordem também é conhecida pelos seus membros migratórios, especialmente da família Scolopacidae – os maçaricos, que realizam longas viagens do norte a sul do globo e vice-versa.

FAMÍLIA CHARADRIIDAE LEACH, 1820

Quero-quero, *Vanellus chilensis* (Molina, 1782)

Ave cinzenta, de fronte e peito negros, com barriga branca, olhos e bico vermelhos, possui uma mancha iridescente na dobra de cada asa. Ave arisca, muito presente em pastos, campos abertos, praças e canteiros de cidades, avança sobre seus predadores mostrando seus esporões ósseos das asas. Pode ser visto em todo o estacionamento da Cidade Universitária e nos pastos do hospital veterinário.

Quero-quero (*Vanellus chilensis*)

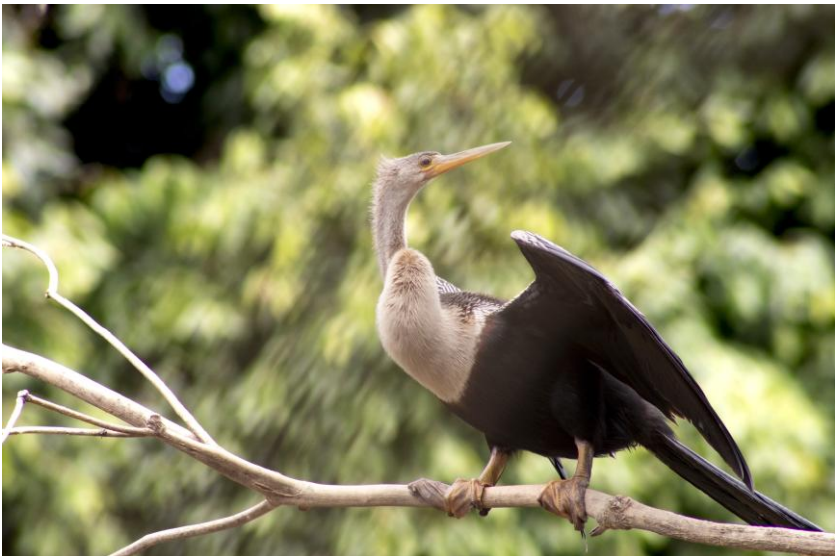


ORDEM SULIFORMES SHARPE, 1891

Estas são aves muito associadas à água, especialistas na piscivoria. Estão presentes na água doce assim como na água salgada. Seus membros são os atobás, biguás, biguatingas e fragatas.

No passado, os membros dessa ordem eram classificados como parte da ordem Pelicaniformes, mas estudos mais recentes indicaram que, apesar do parentesco, Suliformes é um grupo próprio.

Biguatinga (Anhinga anhinga)



FAMÍLIA ANHINGIDAE REICHENBACH, 1849

Biguatinga, *Anhinga anhinga* (Linnaeus, 1766)

Ave grande, de pescoço muito comprido, seu bico é fino e afiado para espetar peixes como um arpão. É muito adaptada à vida na água, mergulha para pescar e se move como uma serpente. Machos possuem as penas do corpo negras com padrões brancos nas asas, as fêmeas são iguais dos ombros para baixo, daí para cima são claras, como um branco sujo. Pode ser vista nas beiras do lago do hospital veterinário da UNISO, comumente de asas abertas para se secar.

FAMÍLIA PHALACROCORACIDAE REICHENBACH, 1849

Biguá, *Nannopterum brasilianum* (Gmelin, 1789)

Ave aquática, presente tanto na água doce quanto na salgada. É todo negro, de bico amarelo. Seu corpo é achatado e assemelha-se a uma jangada quando está nadando. O bico é comprido e possui um gancho afiado na ponta. O olho dessa ave é de um impressionante turquesa brilhante. Costuma nidificar próximo a colônias de garças, formando enormes e impressionantes grupos mistos. Pode ser visto no lago do Hospital Veterinário da UNISO.

Bando de biguás (*Nannopterum brasilianum*)



ORDEM PELECANIFORMES SHARPE, 1891

Aves associadas a ambientes aquáticos, adaptadas para a alimentação baseada em peixes ou invertebrados. Esta é a ordem dos pelicanos, garças, socós, curicacas, guará e outros.

Esta ordem possui cinco famílias, três principais e duas monotípicas, de animais exclusivamente africanos. As principais são: Threskiornithidae, dos íbis e colhereiros, especialistas em invertebrados; Ardeidae, das garças e socós, especialistas em pesca na beira de corpos d'água, e; Pelecanidae, dos pelicanos, que possuem uma bolsa de pele abaixo da mandíbula para pescar, como com uma rede.

FAMÍLIA ARDEIDAE LEACH, 1820

Socó-dorminhoco, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758)

Ave pescadora de costas cinza-escuro azulado, o resto do corpo é cinza-claro. Possui olhos vermelhos. Os jovens possuem o corpo listrado de marrom. Seu pescoço é aparentemente curto, mas se mostra comprido quando a ave dispara sua cabeça na água para capturar suas presas. Pode ser considerado um indicador ambiental, já que é uma ave muito comum que se alimenta de uma grande variedade de presas e pode acumular contaminantes. Pode ser encontrado nos lagos da UNISO.

Socó-dorminhoco (*Nycticorax nycticorax*)



Socozinho, *Butorides striata* (Linnaeus, 1758)

Ave muito semelhante ao socó-dorminhoco em hábitos e silhueta, mas menor, menos azulado e com uma mancha marrom com uma faixa interna branca, que vai da garganta ao peito. Está amplamente distribuído pelo sul do continente americano.

Socozinho (*Butorides striata*)



Garça-vaqueira, *Bubulcus ibis* (Linnaeus, 1758)

Geralmente é uma garça branca simples, mas em épocas reprodutivas assume detalhes dourados na cabeça, peito e costas, além da coloração mais forte do bico. Originária da África, seus registros só começaram a ser frequentes no Brasil no século XX (Sick, 2001, p. 205; WikiAves, 2025). Vivem em pastos apanhando insetos espantados pelo gado.

Garças-vaqueiras (*Bubulcus ibis*)



Garça-moura, *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766

A maior garça do Brasil, mede até 127cm de comprimento. Possui uma espécie de máscara preta sobre os olhos e topo da cabeça, gerando um contraste interessante com seu longo bico amarelo. Seu pescoço e peito são brancos com singelas listras pretas. As costas e asas são cinza-claro, com os ombros e pontas das asas pretos. É uma ave solitária, gosta de pescar em áreas abertas. É mais arisca que uma garça-branca-grande, permite menos aproximação. Pode ser vista no lago do hospital veterinário da UNISO.

Garça-moura (*Ardea cocoi*)



Garça-branca-grande, *Ardea alba* Linnaeus, 1758

Garça grande, podendo chegar a 104cm de comprimento. Suas penas são todas brancas, contrastando com o amarelo brilhante do bico. Seu pescoço é comprido e forma um S quando em repouso. Esta ave gosta de pescar na beira d'água. Está presente em todo o mundo, até mesmo em parques de áreas urbanas, onde se acostuma com a presença humana e se aproveita de pescadores. Já foi observada diversas vezes nos corpos d'água da Cidade Universitária.

Garça-branca-grande (*Ardea alba*)



Maria-faceira, *Syrigma sibilatrix* (Temminck, 1824)

É uma garça de coloração diferenciada. Seu rosto é azul, seu bico é vermelho-vibrante, o pescoço e o peito são claros, as costas são cinza, assim como o topo da cabeça, onde possui penas ornamentais longas da mesma cor. Possui um padrão de listras nas asas. É generalista.

Maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*)



Garça-branca-pequena, *Egretta thula* (Molina, 1782)

Garça toda branca, muito parecida com a garça-branca-grande de longe ou em voo, mas de perto é possível ver a cor negra de seu bico e pernas, que diferencia as duas espécies. Alimenta-se de moluscos, crustáceos, insetos e pequenos vertebrados na beira de corpos d'água. Indivíduos podem ser vistos no lago do hospital veterinário da UNISO, e bandos cruzam os céus do campus durante o final de tarde.

Garça-branca-pequena (*Egretta thula*)



FAMÍLIA THRESKIORNITHIDAE POCHE, 1904

Coró-coró, *Mesembrinibis cayennensis* Peters, 1930

A única ave florestal de sua família (Sick, 2001, p. 213). Possui as penas pretas com um belo brilho verde, quando iluminadas pelo sol. Caminha pelo chão de matas úmidas, onde utiliza seu bico longo e curvo para capturar invertebrados no solo. Possui um som característico, que parece dizer seu nome.

Coró-coró (*Mesembrinibis cayennensis*)



ORDEM CATHARTIFORMES SEEBOHM, 1890

Estas são aves necrófagas, ou seja, alimentam-se de animais mortos, e possuem adaptações semelhantes às dos abutres, do velho mundo. Os integrantes desta ordem são os urubus e condores, aves de pescoço e cabeça sem penas.

Alguns dos integrantes desta ordem possuem um olfato muito apurado, algo incomum entre as aves, essa característica, aliada a boa visão e a capacidade de se manter em voo por longos períodos, faz com que essas aves sejam ótimas em localizar carcaças e animais moribundos. Esta ordem possui apenas uma família, com cinco gêneros no total, sendo que três deles ocorrem no Brasil.

FAMÍLIA CATHARTIDAE LAFRESNAYE, 1839

Urubu-preto, *Coragyps atratus* (Bechstein, 1793)

Uma espécie curiosa, mas que passa sem ser notada pelos olhares no ambiente urbano. É uma ave importante para a ciclagem de nutrientes de cadáveres de vertebrados, seu principal alimento. É social, vive em bandos, e costuma empoleirar sobre lugares altos para observar o ambiente. Possui uma boa relação com carcarás, com quem divide suas carcaças e até carinhos.

Urubu-preto (*Coragyps atratus*)



ORDEM ACCIPITRIFORMES BONAPARTE, 1831

Grupo de aves carnívoras, predadoras de voo rápido, garras e bicos fortes e muita imponência. Seus membros são as águias, gaviões e abutres, aves muito parecidas em hábitos e aparência aos falcões, da ordem Falconiformes, todavia estes dois grupos não são próximos.

Possuem ótima visão para localizar suas presas, que podem ser animais de pequeno a médio porte. Os Accipitriformes estão presentes em todos os ambientes do país, desde florestas densas até o meio urbano.

Accipitriformes é formada por três famílias, Accipitridae, onde estão presentes a maioria dos membros da ordem, e as monotípicas famílias Pandionidae, da águia-pescadora, e Sagittariidae, da ave-secretário.

FAMÍLIA ACCIPITRIDAE VIGORS, 1824

Gavião-caramujeiro, *Rostrhamus sociabilis* (Vieillot, 1817)

Um gavião grande e de comportamento diferenciado; vive em colônias. O macho é negro e de rosto laranja, a fêmea possui a barriga bege com manchas escuras e detalhes dourados nas asas. Em caça, planam sobre a água e mergulham suas garras para capturar caramujos.

Gavião-caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*) macho jovem



Tauató-miúdo, *Accipiter striatus* Vieillot, 1808

Storer (1966) avaliou a alimentação dessa espécie nos EUA, e constatou que 97,7% de sua dieta é composta por outras aves. Suas costas são cinza azulada, enquanto as partes internas são muito barradas em marrom. Possui olhos amarelos, seu pescoço é ferrugem ou barrado e suas coxas são de cor ferrugem. Como na maioria das espécies deste grupo, a fêmea é maior que o macho, sendo que este tem o tamanho de um sabiá (Sick, 2001, p. 250).

Águia-cinzenta, *Urubitinga coronata* (Vieillot, 1817)

É uma ave rara. Seu corpo é quase todo cinza-escuro, apenas com uma faixa clara na face inferior da cauda. Possui uma crista em forma de coroa na cabeça. É uma águia grande, pesada e poderosa, costuma alimentar-se de mamíferos e serpentes em ambientes abertos. Sua categoria de ameaça global é “Em perigo” (IUCN, 2025), mas especificamente no estado de São Paulo sua situação é considerada crítica (Estado de S. Paulo, 2018).

Gavião-carijó, *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788)

Um dos gaviões mais comuns da América, presente desde o México até a Argentina central. Devido a sua ampla distribuição, possui 12 subespécies reconhecidas. As costas da ave são de um cinza-escuro, seus olhos são amarelos e o peito é barrado de marrom, com estrias verticais mais perto da garganta e horizontais mais ao centro do peito. O padrão de barrado varia entre as subespécies. Plaina sobre áreas abertas emitindo gritos, geralmente em casais. Pode ser observado ocasionalmente no campus, descansando sobre galhos ou gritando nos céus.

Gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*)



Gavião-de-rabo-branco, *Geranoaetus albicaudatus* (Vieillot, 1816)

Um belo gavião de dorso cinzento e ventre branco com finas listras pretas sobre a barriga, sua cauda é branca com uma faixa escura na ponta. Possui manchas ferrugíneas sobre os ombros. Alguns indivíduos nascem com melanismo, uma condição onde o animal possui um acúmulo maior de melanina em suas penas, tornando-o totalmente escuro, com exceção da cauda, que continua branca. São oportunistas, mas frequentemente caçam pequenos vertebrados.

ORDEM STRIGIFORMES WAGLER, 1830

Estas são aves caçadoras noturnas. Altamente especializadas, seus olhos são grandes para enxergar no escuro, possuem um disco facial que recebe os sons do ambiente como uma antena parabólica, seus bicos são afiados para rasgar carne e não emitem som ao voar. As aves dessa ordem são as corujas.

Apesar de alguns hábitos muito parecidos, as espécies da ordem Strigiformes são muito diversas em formas, tamanhos, cores e nichos. Algumas espécies, como os caburés, são pequenas e alimentam-se de invertebrados, já outras, como o jacurutu, são grandes e caçam animais maiores, como ratões, gambás, cobras, peixes e até aves, como patos e gansos.

FAMÍLIA STRIGIDAE LEACH, 1830

Corujinha-do-mato, *Megascops choliba* (Vieillot, 1817)

Uma das corujas mais comuns da América-do-Sul. Vive em bordas de fragmentos florestais e alimenta-se de pequenos animais. Possui dois penachos semelhantes a orelhas de cada lado da cabeça, seus olhos são amarelos, o rosto é cinza claro e contornado de preto. Suas costas variam em tons de marrom, desde um marrom mais acinzentado até um pouco avermelhado, já seu peito é claro e possui estrias escuras. Seu canto é muito característico.

Corujinha-do-mato (*Megascops choliba*)



Coruja-buraqueira, *Athene cunicularia* (Molina, 1782)

Uma ave peculiar, que foge dos hábitos comuns das corujas; é diurna e faz seu ninho no chão, em buracos escavados por si mesma ou por outros animais. No dorso é marrom com pintas brancas, no peito é barrada de marrom com fundo branco, está sempre suja de terra. Os pais ficam empoleirados nos arredores do ninho vigiando os filhotes, e emitem altos e longos piados quando há sinal de ameaça. Esta coruja está presente em campos, pastos, cerrados e também se adaptou a ambientes urbanizados, como parques e praças. Na UNISO, costumava ser vista no descampado próximo ao bloco F, mas deixou de aparecer após a pavimentação da área, que se tornou um estacionamento.

Filhotes de coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*)



ORDEM CORACIIFORMES FORBES, 1844

Uma ordem de aves de cabeça larga, bico robusto e duro, presentes em todo o mundo. Ao todo, a ordem possui 6 famílias, mas apenas três ocorrem na América; Todidae, Momotidae e Alcedinidae.

A principal e mais populosa família desta ordem é Alcedinidae, dos martins-pescadores e guarda-rios, aves de corpo fusiforme (em forma de dardo), e bico pontudo, que utilizam para mergulhar em corpos d'água e capturar peixes.

FAMÍLIA ALCEDINIDAE RAFINESQUE, 1815

Martim-pescador-grande, *Megaceryle torquata* (Linnaeus, 1766)

Comparado a outros martins, é uma ave grande. Comum na América-do-Sul e Central, essa espécie tem expandido sua área de ocorrência cada vez mais para a América-do-Norte. Sua cabeça é larga e possui um topete. Seu dorso é azul acinzentado, nos machos o peito é largo e castanho, nas fêmeas o castanho começa na barriga, após uma faixa azul acinzentada no peito, mas se estende até as asas e cauda. Vive em rios, lagos, lagoas e até mesmo próximos do mar. Pode ser visto cruzando os céus de áreas urbanizadas em sua busca por alimento, como na UNISO.

Martim-pescador-grande (*Megaceryle torquata*) fêmea



Martim-pescador-pequeno, *Chloroceryle americana* (Gmelin, 1788)

É muito parecido com o martim-pescador-verde, mas é menor. Seu corpo é verde escuro, sua garganta é branca e possui pintas brancas na região das asas. O peito do macho é castanho, e o da fêmea é branco amarelado com duas listras horizontais verdes. Fica pousado sobre galhos próximos a corpos d'água e então mergulha para capturar suas presas, às vezes paira no ar antes de mergulhar.

Martim-pescador-pequeno (*Chloroceryle americana*)



ORDEM PICIFORMES MEYER & WOLF, 1810

Grupo de aves muito peculiar, seus membros são facilmente reconhecidos pelas adaptações curiosas dos bicos de algumas espécies. A ordem está bem espalhada pelo mundo, e é bastante diversa, é composta por 7 famílias, sendo as mais famosas e chamativas: Ramphastidae e Picidae, os tucanos e os pica-paus, respectivamente.

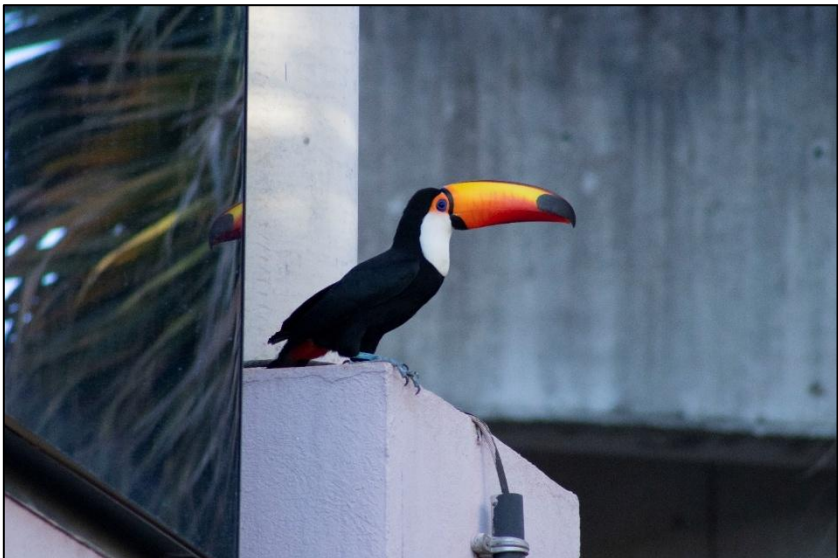
Os tucanos possuem bicos muito grandes, que utilizam para se alimentar de matéria animal e vegetal, suas penas são coloridas, assim como seus bicos. Já os pica-paus são aves de bicos duros e línguas pegajosas, são completamente adaptados a bater suas cabeças em troncos para procurar alimento.

FAMÍLIA RAMPHASTIDAE VIGORS, 1825

Tucanuçu, *Ramphastos toco* Statius Muller, 1776

Uma das aves mais emblemáticas e representativas da biodiversidade brasileira, é o maior tucano de todos. Possui corpo negro, com o rosto branco, uma mancha branca na parte de cima da cauda e outra vermelha na parte de baixo. Seu bico é descomunalmente grande, de forte laranja, com a ponta preta. A pele ao redor dos olhos também é laranja e as pálpebras são azuis, assim como seus pés. Alimenta-se de frutos, mas também costuma utilizar o longo bico como pinça para capturar filhotes de outras aves. Um casal de tucanuços pode sempre ser visto voando sobre a Cidade Universitária da UNISO.

Tucanuçu (*Ramphastos toco*)



FAMÍLIA PICIDAE LEACH, 1820

Picapauzinho-de-coleira, *Picumnus temminckii* Lafresnaye, 1845

Um pica-pau pequeno, como todos do gênero *Picumnus*. Outrora entendido como uma subespécie do picapauzinho-barrado, hoje é reconhecido pelo CBRO como uma espécie própria. É marrom, com o peito e barriga brancos barrados de preto. Seu rosto, pescoço e nuca são marrons, lembrando a cor ocre, característica essencial para diferenciá-lo de outros *Picumnus*. O topo da cabeça dessa ave é preto com pontos brancos, e no macho há uma pequena mancha vermelha na testa. Pode ser visto saltitando sobre os galhos esparsos das árvores dos fragmentos do campus.

Picapauzinho-de-coleira (*Picumnus temminckii*) macho



Pica-pau-branco, *Melanerpes candidus* (Otto, 1796)

Um pica-pau chamativo, grande, de costas e asas negras e o resto do corpo branco. Possui a barriga levemente amarelada, assim como um anel de pele nua amarela ao redor dos olhos. Vive em grupos grandes que sobrevoam áreas abertas. Costuma gritar bastante.

Pica-pau-verde-carijó, *Veniliornis spilogaster* (Wagler, 1827)

Um pica-pau de tamanho mediano, de corpo verde oliva, com listras pontilhadas de branco nas asas e peito. No rosto possui duas listras brancas de cada lado, uma acima e outra abaixo de cada olho. O macho possui detalhes vermelhos no topo da cabeça. Pode ser visto escalando árvores em áreas mais densamente arborizadas do NEAS.

Pica-pau-de-banda-branca, *Dryocopus lineatus* (Linnaeus, 1766)

É um Pica-pau grande, de corpo majoritariamente preto. Sua barriga e coxas são brancas barradas de preto. Possui um grande topete vermelho, bastante chamativo. O macho possui uma mancha vermelha próxima ao bico. Pode ser visto entre as árvores do NEAS, tamborilando na madeira para procurar alimento ou se comunicar.

Pica-pau-de-banda-branca (*Dryocopus lineatus*)



Pica-pau-de-cabeça-amarela, *Celeus flavescens* (Gmelin, 1788)

Um pica-pau de tamanho mediano, seu corpo é inteiro negro com detalhes em amarelo nas pontas das penas das costas e asas, sua cabeça possui um topete e é inteiramente amarela, o que origina seu nome. No macho, as bochechas são vermelhas. É bastante arborícola e come muitas frutas, mas também gosta de descer ao chão para alimentar-se de insetos, como formigas. Já foi observado no NEAS, nos pequenos fragmentos de mata mais fechada.

Pica-pau-verde-barrado, *Colaptes melanochloros* (Gmelin, 1788)

Um pica-pau de tamanho mediano, seu corpo é inteiro verde-amarelado, suas costas e asas são densamente barradas com linhas pretas, enquanto o peito e barriga são pontilhados da mesma cor. Possuem o topo da cabeça dividido entre negro na frente e vermelho atrás, que se estende até o começo da nuca. A área ao redor dos olhos é branca e machos possuem uma mancha vermelha próxima ao bico.

Pica-pau-verde-barrado (*Colaptes melanochloros*)



Pica-pau-do-campo, *Colaptes campestris* (Vieillot, 1818)

É uma espécie de campos abertos, portanto é mais fácil de observá-la na natureza. Suas costas e asas são cinza-escuro barradas de branco, enquanto no peito e barriga são o contrário. Seu rosto é amarelo, assim como o pescoço, descendo até o topo do peito, com exceção da garganta, que é negra. O topo da cabeça também é negro, formando uma espécie de chapéu. Sobrevoam o NEAS em grupos, gritando durante o dia todo. Empoleiram nos fios das torres de transmissão, árvores secas e cupinzeiros, estes dois últimos de onde retiram as formigas e cupins de que se alimentam.

Pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*)



ORDEM CARIAMIFORMES FÜRBRINGER, 1888

Ordem de aves carnívoras, de pernas compridas e bicos muito duros. Atualmente, os únicos animais vivos dessa ordem são os membros da família *Cariamidae* – as duas espécies de seriemas da América-do-Sul.

A história da alocação das seriemas em sua atual posição na árvore da vida é recente, e há poucas décadas estes animais eram considerados membros da ordem dos Gruiformes, todavia, com uma série de estudos genéticos, os cientistas descobriram que essas aves são mais próximas dos falcões.

Dentro da ordem *Cariamiformes* também estão as aves-do-terror, da família *Phorusrhacidae*, animais extintos que competiam ao posto de maiores aves de toda a história de existência deste grupo biológico e reinavam como grandes predadores na América-do-Sul há alguns milhares de anos.

FAMÍLIA CARIAMIDAE LEACH, 1820

Seriema, *Cariama cristata* (Linnaeus, 1766)

Ave enigmática do Cerrado brasileiro, imponente, chamativa e carismática, possui uma altura média de 70cm. Seu corpo é cinza amarelado, um pouco mais escuro no dorso. Seu bico é afiado, duro e de um vermelho vibrante. A pele ao redor dos olhos é azul e curiosamente a seriema é uma das poucas aves que possuem cílios. Na base de seu bico há um chumaço de penas que forma uma crista. Possui asas largas e listradas em suas partes internas. Suas pernas também são bastante vermelhas. Mais caminha do que voa, caça pequenas presas, como répteis, anfíbios, roedores e outras aves. Seu canto é uma risada cruel e engraçada que pode ser ouvida a mais de 1km de distância (Sick, 2001, p. 305).

A seriema é a ave símbolo da Universidade de Sorocaba. É possível observar estampas com a espécie em camisetas, bonés, paredes da Cidade Universitária e até mesmo no ônibus de viagens da universidade. Mas essa adoração toda não é à toa; no campus há uma seriema que acompanha os alunos há décadas. A ave é um remanescente do antigo ambiente em que foi construída a universidade, ela se adaptou às mudanças, acostumou-se com a presença humana e hoje caminha entre os

prédios encantando a todos, sejam alunos, funcionários ou visitantes.

Seriema (*Cariama cristata*)



ORDEM FALCONIFORMES BONAPARTE, 1831

Ordem dos falcões, aves muito semelhantes em hábitos aos gaviões (Accipitriformes). São aves adaptadas a um voo rápido e menos planado, apesar de existirem exceções (ex.: carcará). Sua visão é excelente, e algumas espécies possuem adaptações especiais para matar suas presas no ar.

A ave mais rápida do mundo está nessa ordem, o falcão-peregrino, além de outros membros famosos. Esta ordem já abrigou os Accipitriformes, que a ciência pensava serem seus parentes mais próximos, mas estudos mais atuais discordam dessa ideia e colocam gaviões em uma ordem separada.

FAMÍLIA FALCONIDAE LEACH, 1820

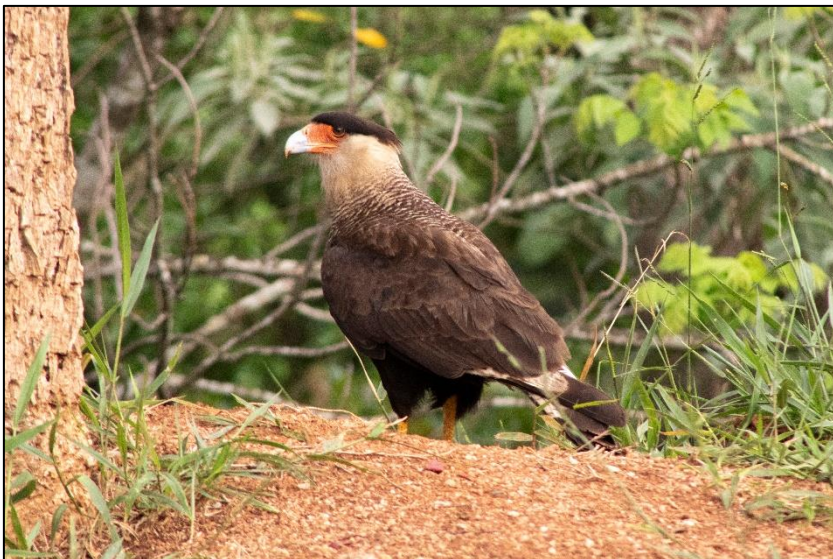
Acauã, *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758)

Uma linda ave, sua coloração é chamativa, possui a parte interna do corpo toda branca, com exceção de seu rosto, que possui enormes manchas negras ao redor dos olhos, que se encontram na nuca. Suas costas e asas são marrom-escuro e sua cauda é comprida e listrada na parte inferior. Sua cabeça é grande e quadrada, e seu bico é curto e afiado. Possui o hábito frequente de alimentar-se de cobras (Sick, 2001, p. 263). Seu canto parece dizer seu nome e pode ser ouvido a longas distâncias, foi assim que essa ave foi identificada no NEAS.

Carcará, *Caracara plancus* (Linnaeus, 1766)

Ave muito comum em todo o Brasil. Suas asas e dorso são marrom-escuro, essa cor vai gradualmente se desmanchando em forma de listras pelo pescoço até se tornar totalmente branca. Possui um conjunto de penas semelhantes a uma boina preta na cabeça. Seu rosto é pelado e possui uma pele bastante alaranjada, que muda de cor conforme o humor do animal. Conhecido por sua voracidade, ataca animais doentes, velhos e filhotes, também se alimenta de carcaças junto a urubus, com quem tem relações ecológicas íntimas, formando grupos mistos.

Carcará (*Caracara plancus*)



Carrapateiro, *Milvago chimachima* (Vieillot, 1816)

Parente do carcará. Ave de porte médio, de corpo majoritariamente cor creme, com exceção das costas, cauda e asas, que são marrom-escuro. Possui um fino delineado nos olhos. É um onívoro oportunista, como o carcará. Possui um hábito frequente de retirar carrapatos de grandes mamíferos, como antas, capivaras e bois, por isso seu nome comum. Costuma gritar enquanto voa. Na UNISO pode ser visto planando sobre o bloco D e o estacionamento do Campus, e também sobre os fios de transmissão no NEAS.

Carrapateiro (Mivalgo chimachima)



ORDEM PSITTACIFORMES WAGLER, 1830

Os Psittaciformes são aves com características únicas, especiais em muitos sentidos, inconfundíveis. É uma ordem muito diversa, são mais de 400 espécies em todo o mundo, especialmente na América Latina. Essa é a ordem das araras, papagaios, periquitos, calopsitas e cacatuas, as aves de bico em forma de gancho.

Seus corpos são robustos, seus pés são fortes e possuem dedos semelhantes aos dos pica-paus (dois voltados para frente e dois voltados para trás, ótimos para agarrar galhos e escalar). São aves muito sociais, com enormes repertórios vocais, capazes de até mesmo imitar sons de outros animais, como a voz humana. Formam casais e vivem com seus parceiros por décadas.

FAMÍLIA PSITTACIDAE RAFINESQUE, 1815

Periquito-rico, *Brotogeris tirica* (Gmelin, 1788)

Um periquito pequeno que sobrevoa os céus da região de Sorocaba em bandos. Seu corpo é verde-claro, amarelado nas partes internas. As penas de voo são de cor azul-metálico, muito chamativas. Sua cauda é longa. Aprecia frutas, como o coquinho de jerivá, sementes, flores e larvas de insetos. Pode ser visto, e principalmente ouvido, durante todo o dia. É uma das espécies comumente chamada de “maritaca”.

Periquito-rico (*Brotogeris tirica*)



Papagaio-verdadeiro, *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758)

Uma das aves mais famosas do Brasil, está presente em muitas casas de brasileiros e não brasileiros como animal doméstico devido ao tráfico de animais silvestres, que atinge gravemente essa espécie (Sick, 2001, p. 378). Essa ave tem o corpo majoritariamente verde, com a testa azul, uma mancha amarela ao redor dos olhos e manchas vermelhas nos ombros, nas penas de voo e na cauda. É extremamente social, e assim como outros psitacídeos, vive em casais. O casal, mesmo quando em bando, voa unido. Suas vocalizações são muito características, e podem ser ouvidas especialmente durante o amanhecer.

Casal de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*)



Tuim, *Forpus xanthopterygius* (Spix, 1824)

Um pequeníssimo psitacídeo de cauda curta e triangular. Seu corpo é verde-claro, com tons mais amarelados nas partes internas. Existe diferença entre machos e fêmeas – os machos possuem asas azuis, como um periquito-rico, além de um brilho azul atrás dos olhos e uma mancha da mesma cor na base da cauda, as fêmeas possuem esses detalhes de forma menos chamativa. Para ouvidos não treinados, a voz dessa espécie se parece com a de um passarinho qualquer, fácil de confundir.

Tuim (*Forpus xanthopterygius*)



Periquitão, *Psittacara leucophthalmus* (Statius Muller, 1776)

O psitacídeo mais comum da região. Também é conhecido como “maritaca”. É parte da fauna sinantrópica, faz ninhos em sótãos e telhados e comumente rói fios de energia ou internet, causando prejuízo aos moradores. Reúne-se com outros indivíduos durante a tarde para gritar em conjunto, cena muito comum no interior do estado. Possui o corpo verde e manchas vermelhas no pescoço. A parte interna das asas é amarela, o que gera um belo contraste com o verde quando voa. Sua cauda é longa. É uma espécie muito vocal, não passa despercebida.

Periquitão (*Psittacara leucophthalmus*)



ORDEM PASSERIFORMES LINNAEUS, 1758

Esta é a ordem de aves mais diversa de todas, com quase 7000 espécies distribuídas por todo o mundo. Os passeriformes, também chamados de pássaros, ou passarinhos, são as aves com o maior repertório vocal, capazes de emitir cantos e chamados extremamente elaborados, tudo graças a sua diversidade de músculos especiais da garganta, que ajudam a modular os sons de forma peculiar. Graças a essa diversidade vocal, os pássaros formam paisagens sonoras únicas no ambiente.

Os passeriformes são, majoritariamente, aves pequenas ou médias. Algumas dessas aves são pouco chamativas e de difícil identificação, já outras possuem cores vibrantes e padrões únicos, como os machos da família Thraupidae.

FAMÍLIA TAMNOPHILIDAE SWAINSON, 1824

Choca-da-mata, *Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816)

Uma ave mais ouvida do que vista, dificilmente é fotografada, seu chamado é um grasnido rouco que ecoa pela mata. O macho é cinza-escuro, com um pequeno topete preto, nas asas há uma faixa preta com listras pontilhadas nas bordas, sua cauda também é preta com manchas brancas. Já a fêmea é majoritariamente marrom, com cabeça cinza, e também possui a faixa preta com linhas pontilhadas nas asas. É uma ave comum nas bordas de mata do NEAS, da RPPN e do Morro.

Choró-boi, *Taraba major* (Vieillot, 1816)

Ave de tamanho médio, comum em quase todo o país, com exceção do sul. O macho possui o dorso negro e o ventre branco, sua cauda é listrada. A fêmea é semelhante ao macho, mas ao invés de preto, possui marrom no dorso. Ambos os sexos possuem olhos grandes e vermelhos e topetes no topo da cabeça. Seu canto é crescente e termina em um grasnido rouco. Apesar de comum, essa ave é difícil de ser observada, já que habita arbustos densos. Essa espécie entrou nessa lista graças a contribuição da Ciência Cidadã, por meio de um registro realizado no NEAS pelo usuário "joao_tamanaha" no site iNaturalist.

FAMÍLIA FURNARIIDAE GRAY, 1840

João-de-barro, *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788)

É um pássaro de porte médio, totalmente marrom. Vive em casais. A cada temporada reprodutiva o casal constrói um novo ninho de barro, esterco e palha, altamente resistente, posicionado em lugares altos. O ninho possui uma parede interna para impedir que entre vento na câmara principal, onde os filhotes são cuidados. Nos finais de tarde, o casal se reúne em um local alto para iniciar um dueto. Essa ave se adaptou muito bem ao ambiente urbano, não teme humanos e permite uma boa aproximação. Costuma caminhar sobre o chão para capturar insetos entre as folhas secas.

João-de-barro (*Furnarius rufus*)



João-porca, *Lochmias nematura* (Lichtenstein, 1823)

Uma ave especialmente conectada a riachos, onde pula entre as rochas procurando insetos aquáticos. Adaptou-se também a forragear em chiqueiros e pontos de despejo de esgoto, comportamento este que deu origem a seu nome popular. Seu dorso é marrom-escuro e finaliza com um cinza-escuro na cauda. Seu peito e barriga possuem um espetacular e único padrão de escamas brancas. Seu canto é agudo e pode estender-se por vários minutos a fio.

João-porca (*Lochmias nematura*)



João-teneném, *Synallaxis spixi* Sclater, 1856

Uma ave endêmica da Mata Atlântica. Sua aparência é muito semelhante à de outras aves do gênero *Synallaxis*, seu corpo é um graduado entre cinza-escuro e marrom na direção da cauda. Possui um topete ferrugíneo e asas da mesma cor, e uma mancha negra na garganta. Habita áreas abertas, como campos e bordas de florestas, onde se esgueira pelos arbustos.

Petrim, *Synallaxis frontalis* Pelzeln, 1859

É difícil de passar pelas matas da UNISO sem ouvir o canto dessa ave, que parece dizer seu próprio nome. Em aparência, é idêntico a um João-teneném ou qualquer outro *Synallaxis*. Pouco se sabe sobre sua alimentação, mas é observado que desce ao chão em pares para forragear. Responde bem ao playback, é uma ave curiosa.

FAMÍLIA PLATYRINCHIDAE BONAPARTE, 1854

Patinho, *Platyrrinchus mystaceus* Vieillot, 1818

Uma ave pequena, de cabeça grande e bico largo. Vive nas partes mais baixas de matas fechadas, por isso possui olhos grandes para enxergar na escuridão. Seu dorso é marrom e seu ventre é amarelo, assim como seu rosto, que possui um grande desenho marrom ao redor dos olhos. Alimenta-se essencialmente de insetos.

FAMÍLIA RHYNCHOCYCLIDAE BERLEPSCH, 1907

Ferreirinho-relógio, *Todirostrum cinereum* (Linnaeus, 1766)

Uma ave pequena, de cabeça grande e bico robusto. Suas costas são cinza-escuro, sua cabeça é negra e seu ventre é amarelo, assim como seus olhos. Pula entre os galhos de árvores baixas em busca de insetos. Seu ninho é uma estrutura pendente, grande, muito resistente, feita de galhos e folhas secas, que mantém o calor interno para os filhotes.

Ferreirinho-relógio (*Todirostrum cinereum*)

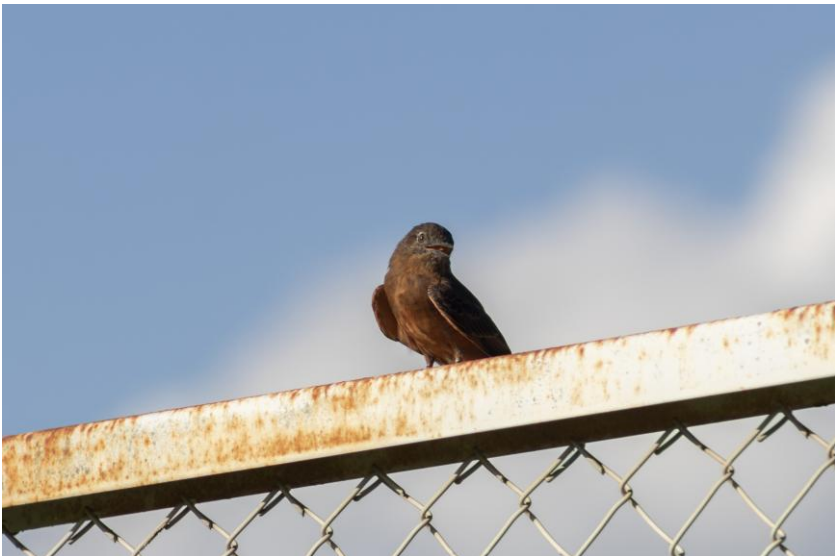


FAMÍLIA TYRANNIDAE VIGORS, 1825

Gibão-de-couro, *Hirundinea ferruginea* (Gmelin, 1788)

Pássaro de porte médio. É adaptado a viver em costões rochosos e montanhas, o que facilitou que se adaptasse a cidades com grandes prédios (Greeney; Pyle; Boesman, 2025). Seu corpo é inteiro marrom-ferrugem, um tom mais claro no ventre e um mais escuro no dorso. Alimenta-se de insetos que captura no ar. Na Cidade Universitária, pode ser visto empoleirado em bandos no topo dos prédios.

Gibão-de-couro (*Hirundinea ferruginea*)



Risadinha, *Camptostoma obsoletum* (Temminck, 1824)

Espécie pequena, muito semelhante às aves do gênero *Elaenia*. Seu canto é uma risadinha engraçada. Seu corpo é cinza, com um tom levemente esverdeado nas costas. Possui um topete na cabeça e duas faixas marrons em cada asa. Está presente em todo o Brasil, adaptada a diferentes tipos de ambientes, inclusive o urbano. Pode ser ouvida cantando nas ruas da Cidade Universitária, voando entre as árvores da praça principal.

Guaracava-de-barriga-amarela, *Elaenia flavogaster* (Thunberg, 1822)

Como todas as aves do gênero *Elaenia*, esta espécie é muito difícil de ser identificada, sendo necessário sempre prestar atenção ao seu canto, que a diferencia de outras guaracavas. Seu corpo é cinzento, com um tom amarelado na barriga, já seu dorso é mais escuro e levemente oliváceo. Possui uma crista e duas faixas brancas em cada asa.

Irré, *Myiarchus swainsoni* Cabanis & Heine, 1859

Uma das aves crípticas do gênero *Myiarchus*. Assim como na maioria das aves desse gênero, a forma mais fácil de identificá-lo é por meio de suas vocalizações. O chamado do irré é um assóvio simples, que ecoa pela mata. Seu peito é branco, sua barriga é amarela e seu dorso é marrom-acinzentado. É a única espécie migratória do gênero *Myiarchus* no Brasil, e pode

ser encontrado no país inteiro. Durante o verão, as populações migratórias se encontram no centro e sudeste da América-do-sul, e durante o resto do ano viajam até o noroeste do continente. Na UNISO, esta ave pode ser ouvida na Mata do Morro durante o verão.

Maria-cavaleira, *Myiarchus ferox* (Gmelin, 1789)

Está presente em todo o país e pode ser encontrada inclusive em áreas urbanas. Sua aparência é idêntica à de outros *Myiarchus*. Gosta de ficar em posições mais altas das árvores, nos estratos médios e altos, observando e vocalizando. Sua voz é um sibilo, um assovio agudo, que geralmente é ouvido antes da ave ser localizada.

Maria-cavaleira (*Myiarchus ferox*)



Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado, *Myiarchus tyrannulus*
(Statius Muller, 1776)

É uma maria-cavaleira idêntica as outras, exceto por uma mancha cor ferrugem em sua cauda. Seu canto é um piado sequenciado, e pode ser mais ouvido em áreas abertas, entre as copas de árvores baixas, como no NEAS.

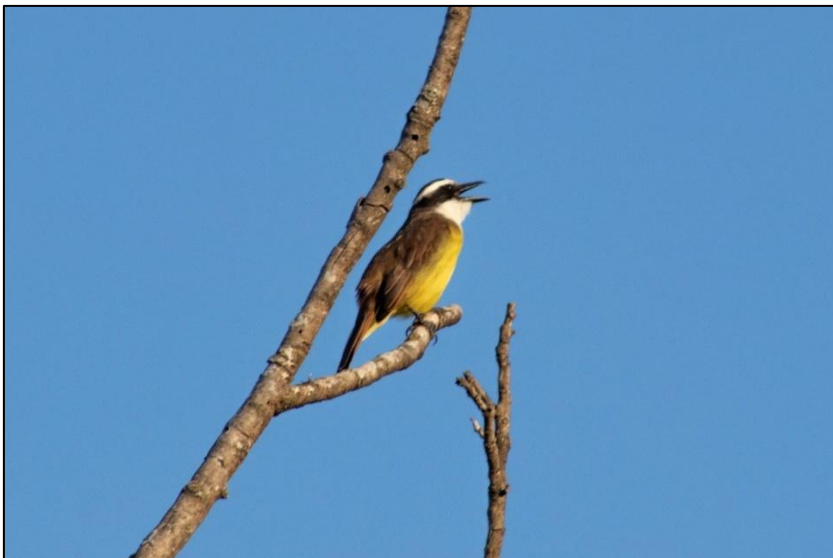
Maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*Myiarchus tyrannulus*)



Bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766)

Uma das aves mais famosas e comuns do Brasil, conhecida por cantar seu próprio nome com fervor. É um pássaro relativamente grande. Sua barriga e peito são fortemente amarelos, gerando um forte contraste com as costas e cauda marrons. Sua cabeça é branca com máscara e chapéu pretos. Possui um topete amarelo que fica encoberto pelas penas negras, por isso raramente é visto.

Bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*)



Suiriri-cavaleiro, *Machetornis rixosa* (Vieillot, 1819)

É a única ave do gênero *Machetornis*. Possui cores parecidas às do verdadeiro suiriri – sua cabeça é cinza, seu ventre é amarelo e seu dorso é marrom-acinzentado. Possui um raramente visto topete laranja no topo da cabeça. Gosta de ambientes abertos, incluindo pastos e parques públicos. Permanece muito tempo no chão, especialmente perseguindo grandes mamíferos, como cavalos, antas e capivaras, para se alimentar dos invertebrados que surgem quando estes animais estão próximos. O suiriri-cavaleiro pode ser visto caminhando nos gramados do campus.

Suiriri-cavaleiro (*Machetornis rixosa*)



Bem-te-vi-rajado, *Myiodynastes maculatus* (Statius Muller, 1776)

É do tamanho de um bem-te-vi. Seu corpo é inteiro rajado de preto. Seu bico é grande e robusto. O chamado dessa ave se assemelha ao piado de um brinquedo de borracha. Vive em bandos e costuma fazer muito barulho.

Bem-te-vi-rajado



Neinei, *Megarynchus pitangua* (Linnaeus, 1766)

Praticamente idêntico ao bem-te-vi em aparência, sua única diferença é o bico, que nesta espécie é descomunalmente grande. Sua voz é aguda e parece dizer seu nome. É mais tímido que o bem-te-vi, geralmente pode ser visto no topo de árvores mais altas.

Bentevizinho-de-penacho-vermelho, *Myiozetetes similis*
(Spix, 1825)

Outra espécie muito semelhante ao bem-te-vi, mas este é muito menor, e seu bico é curto e curvo. Também possui um topete colorido escondido, mas o seu é escarlate. Seu piado é agudo e forte, ecoa pela mata. Gosta de ambientes úmidos, pode ser encontrado nos entornos de lagos e rios, como o lago do Hospital Veterinário da UNISO.

Bentevizinho-de-penacho-vermelho (*Myiozetetes similis*)



Suiriri, *Tyrannus melancholicus* Vieillot, 1819

Bastante parecido com o suiriri-cavaleiro em suas cores, mas possui uma forma mais arredondada e pernas mais curtas, permanece mais tempo empoleirado ou no ar, onde captura grandes insetos voadores, seu principal alimento. Sua voz é suave e parece dizer “suiriri”.

Suiriri (*Tyrannus melancholicus*)



Tesourinha, *Tyrannus savana* Daudin, 1802

Espécie migratória, que durante a época mais fria viaja para a região amazônica e retorna junto com o calor. Seu ventre e pescoço são brancos, a cabeça é negra, suas costas são cinzas, suas asas e cauda são pretas. Por falar na cauda, esta é bifurcada e pode chegar a 29cm de comprimento (Sick, 2001, p. 630).

Tesourinha (*Tyrannus savana*)



Peitica, *Empidonomus varius* (Vieillot, 1818)

Muito parecida com o bem-te-vi-rajado, mas pode ser diferenciada pela máscara, que se encontra na nuca com outras faixas, além de seu porte, que é menor, e de seu bico, que é menos robusto. Possui um piado agudo. É migratória.

Peitica (*Empidonomus varius*)



Lavadeira-mascarada, *Fluvicola nengeta* (Linnaeus, 1766)

Uma ave pequena e carismática, muito presente em parques e beiras de corpos d'água. É majoritariamente branca, possui uma máscara preta em seu rosto, asas pretas e uma cauda preta. Costuma saltitar pelo chão em busca de alimento, não teme muito a aproximação humana. A espécie tem expandido cada vez mais sua ocorrência ao sul do continente ao longo das últimas décadas (Sick, 2001, p. 622; Farnsworth *et. al*, 2020). Pode ser vista nos arredores do lago do hospital veterinário.

Lavadeira-mascarada (*Fluvicola nengeta*)



Filipe, *Myiophobus fasciatus* (Statius Muller, 1776)

É uma ave de ambientes pouco densos em vegetação. Suas costas são marrons, as asas têm um tom mais escuro, sua barriga é branca e o peito é estriado. Salta de um galho mais alto para capturar insetos em voo e retorna para ele com o alimento no bico.

Enferrujado, *Lathrotriccus euleri* (Cabanis, 1868)

É extremamente semelhante ao filipe, mas não possui as estrias no peito. Possui várias subespécies, sendo que duas são migratórias, e uma delas ocorre aqui no sudeste do Brasil durante o verão. Os movimentos de migração dessa espécie não são muito compreendidos, mas sabe-se que as subespécies do sul do continente viajam para a região amazônica durante o inverno.

Suiriri-pequeno, *Satrapa icterophrys* (Vieillot, 1818)

Uma pequena ave de dorso cinzento e barriga amarela, possui uma máscara nos olhos. Vive em beiras de matas secundárias, próximo a pastos, e se alimenta de insetos, especialmente lagartas. Seu canto é um piado agudo.

Suiriri-pequeno (*Satrapa icterophrys*)



FAMÍLIA VIREONIDAE SWAINSON, 1837

Pitiguari, *Cyclarhis gujanensis* (Gmelin, 1789)

Este é um dos pássaros mais ouvidos na região, apesar de dificilmente ser visto. Seu peito é amarelo, a barriga é branca, a cabeça é cinza, suas costas e asas são amarelo-esverdeadas, e por fim possui uma fina faixa laranja que sai da testa e passa por cima dos olhos. A cabeça desta ave é bastante grande, e seu bico é robusto e pontiagudo. Apesar de ter um canto bastante característico, sua voz pode variar bastante geograficamente, como sotaques de uma mesma língua. Utilizando o canto certo, o playback é uma ótima forma de atrair essa ave, já que são bastante territoriais (Sick, 2001, p. 715).

Pitiguari (*Cyclarhis gujanensis*)



Juruviara, *Vireo chivi* (Vieillot, 1817)

Mais uma ave migratória da região de Sorocaba. Possui a barriga e o peito brancos, dorso amarelo-esverdeado, rosto branco com máscara e chapéu cinza. Vive na altura média das árvores das matas.

FAMÍLIA CORVIDAE LEACH, 1820

Gralha-do-campo, *Cyanocorax cristatellus* (Temminck, 1823)

Uma das belíssimas gralhas azuis do Brasil. Esta ave possui a cabeça e peito negros, asas e costas fortemente azuis, barriga e cauda são brancos. É uma ave muito barulhenta, vive em grupos, que vocalizam frequentemente enquanto voam entre as copas das árvores. Pode ser vista com frequência na UNISO batendo contra as vidraças dos prédios.

Gralha-do-campo (*Cyanocorax cristatellus*)



FAMÍLIA HIRUNDINIDAE RAFINESQUE, 1815

Andorinha-pequena-de-casa, *Pygochelidon cyanoleuca*

(Vieillot, 1817)

Uma andorinha extremamente comum no nosso dia-a-dia, habita áreas urbanas e rurais, costuma fazer ninhos em telhados e forros. Seu simpático semblante é formado de uma máscara preta sobre um manto azul que recobre as partes superiores do corpo. Seu ventre é branco. As pontas das asas e cauda são pretas. Formam enormes grupos que sobrevoam os céus em busca de insetos voadores.

Andorinha-pequena-de-casa (*Pygochelidon cyanoleuca*)



Andorinha-serradora, *Stelgidopteryx ruficollis* (Vieillot, 1817)

Uma andorinha de tamanho médio, que possui o corpo delgado. Seu dorso é marrom, suas penas de voo são cinza-escuro, seu peito é de um branco sujo de canela e sua barriga, branca. Gosta de ninhos naturais, portanto é mais vista em áreas onde há disponibilidade para estes.

FAMÍLIA TROGLODYTIDAE SWAINSON, 1831

Corruíra, *Troglodytes musculus* Naumann, 1823

Ave minúscula que corre pelo chão rapidamente. Possui um canto melodioso. É inteiramente marrom, com estrias claras e escuras intercaladas. Está presente em todo tipo de ambiente, desde florestas a cidades altamente urbanizadas. Antigamente pensava-se que a corruíra brasileira era parte de outra espécie, *Troglodytes aedon*, a corruíra da América-do-Norte, todavia estudos mais recentes adotados pelo CBRO afirmam que as corruíras do norte e do sul são diferentes o suficiente para serem espécies separadas.

Corruíra (*Troglodytes musculus*)



FAMÍLIA TURDIDAE RAFINESQUE, 1815

Sabiá-barranco, *Turdus leucomelas* Vieillot, 1818

Tem o tamanho de um bem-te-vi. Esta é uma das aves mais comuns em qualquer passarinhada na nossa região. Adapta-se muito bem ao ambiente urbano ou alterados pelo homem. Suas costas são marrons, sua cabeça é cinza, sua garganta é listrada e seu ventre assemelha-se a um branco-sujo. Seu chamado é muito característico, um grasnido meio chiado, mas o canto é melodioso, como de outros sabiás, e pode ser ouvido até mesmo após o anoitecer.

Sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*)



Sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris* Vieillot, 1818

Pouco maior que um sabiá-barranco, o sabiá-laranjeira é uma ave famosa por seu canto muito melodioso. Comum em parques e áreas arborizadas, sua barriga é de um forte laranja, as costas são marrom-escuro, sua garganta é listrada e o peito é cinza.

Sabiá-poca, *Turdus amaurochalinus* Cabanis, 1850

Bastante parecido com o sabiá-barranco, mas mais escuro e de bico amarelo. Possui uma mancha preta entre cada olho e o bico. Assim como os outros sabiás, só canta na época reprodutiva, e seu canto é muito parecido com o do sabiá-barranco. Vivem em bordas de mata.

Sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*)



FAMÍLIA MIMIDAE BONAPARTE, 1853

Sabiá-do-campo, *Mimus saturninus* (Lichtenstein, 1823)

Apesar de ser chamado de sabiá, o sabiá-do-campo não é da família Turdidae. Seu corpo é inteiramente cinza, mais escuro nas costas e asas e mais claro no rosto e ventre. Possui uma máscara cinza-escura sobre os olhos. É muito comum em áreas abertas, adapta-se muito bem a ambientes alterados, como parques e praças. É uma ave inquieta, está sempre andando e pulando entre poleiros. Vive em bandos. É uma das aves mais comuns da parte mais urbanizada do campus da UNISO.

Sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*)



FAMÍLIA ESTRILDIDAE BONAPARTE, 1850

Bico-de-lacre, *Estrilda astrild* (Linnaeus, 1758)

Esta é uma ave exótica, trazida ao Brasil do continente africano, provavelmente ainda no reinado de D. Pedro I (Sick, 2001, p. 816). Hoje a espécie já se encontra distribuída por toda a porção leste da América-do-Sul, já bem estabelecida desde meados do século XIX (Payne Bonan Barfull; Kirwan, 2020). É uma ave pequena, de corpo bege-acinzentado, possui uma máscara fortemente vermelha que se une ao bico de mesma cor. Vive em pastos, campos e terrenos baldios de cidades, onde alimenta-se de sementes de capins, especialmente os exóticos.

Bico-de-lacre (*Estrilda astrild*)



FAMÍLIA PASSERIDAE RAFINESQUE, 1815

Pardal, *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758)

Uma ave exótica, originária do Velho Mundo, que foi trazida ao Brasil no século XX (Sick, 2001, p. 811). A ave se adaptou muito bem à vida nas cidades, de onde dificilmente sai, já que faz seus ninhos em telhados e forros. O macho possui as costas e nuca marrons com manchas pretas, o ventre é cinza claro, e possui uma mancha negra no rosto que se estende até o topo do peito. A fêmea possui cores semelhantes às do macho, mas mais esmaecidas, e sem a mancha negra. Vive em bandos que costumam fazer muito barulho no final da tarde.

FAMÍLIA FRINGILLIDAE LEACH, 1820

Fim-fim, *Euphonia chlorotica* (Linnaeus, 1766)

Um pássaro pequeno, que ao cantar diz seu nome. O macho tem a testa, peito e barriga bastante amarelos, já suas costas, rosto e garganta são negros, mas com um belíssimo brilho azul-violeta, quando no sol. A fêmea é amarelo-oliváceo. Apesar de seu tamanho, é possível ouvir seu canto de longe. Muitas espécies do gênero *Euphonia* são muito semelhantes.

Fim-fim (*Euphonia chlorotica*)



Gaturamo-verdadeiro, *Euphonia violacea* (Linnaeus, 1758)

Esta espécie é muito semelhante ao fim-fim, as diferenças são: a garganta do macho – que é amarela, o canto – que não diz seu nome, mas sim imita o som de outras aves, e o tamanho – que é pouco maior que o da ave anterior.

FAMÍLIA PASSERELLIDAE CABANIS & HEINE, 1850

Tico-tico, *Zonotrichia capensis* (Statius Muller, 1776)

De longe, pode ser confundido com um pardal, devido ao seu padrão de marrom e preto nas costas, mas quando vistos de perto, a diferença é grande; O tico-tico possui a cabeça cinza com diversas linhas pretas que surgem do bico, além de um belíssimo colar ferrugem. Seu canto é melodioso e famoso. É uma ave comum em ambientes abertos e parques, onde forrageia no chão. Toleram bem a aproximação humana.

Tico-tico (*Zonotrichia capensis*)



FAMÍLIA ICTERIDAE VIGORS, 1825

Japu, *Psarocolius decumanus* (Pallas, 1769)

Um pássaro grande. É negro, sua cauda é amarela e seus olhos são azuis. O bico é cor marfim e possui um tamanho anormal, ocupa toda a frente da ave. Se reproduz em colônias, onde um macho dominante é auxiliado por machos subordinados a defender o grupo. Seu canto é muito peculiar, possui notas descendentes que o fazem soar como um som retirado de um videogame antigo. É uma ave pouco comum em Sorocaba, mas já foi ouvida diversas vezes nas dependências da UNISO.

Encontro, *Icterus pyrrhopterus* (Vieillot, 1819)

A taxonomia desta espécie é complicada, e sofreu diversas alterações nas últimas décadas, mas hoje é dividida entre três subespécies. O encontro é uma ave de corpo quase todo preto, com apenas uma mancha amarela em cada asa. Gosta de alimentar-se de artrópodes, néctar e frutos. Na UNISO, gosta de ficar entre as flores da tumbergia (trepadeira) na praça central do campus.

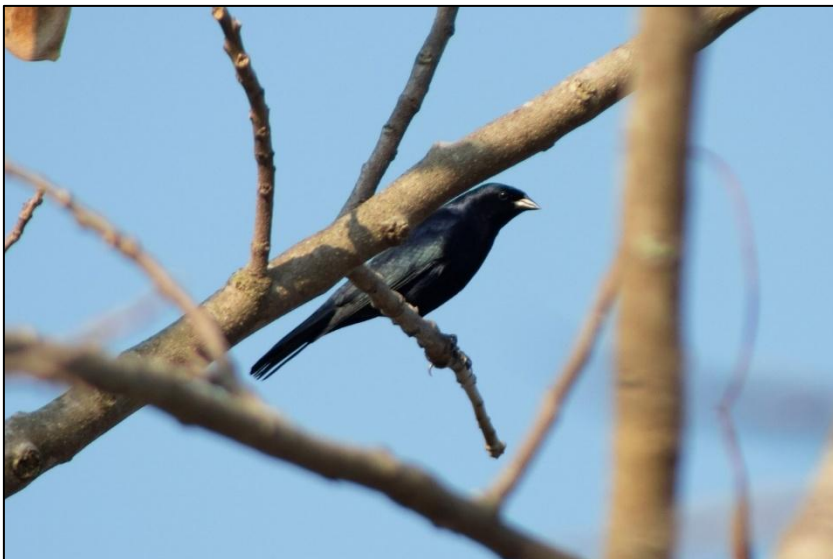
Encontro (*Icterus pyrrhopterus*)



Chupim, *Molothrus bonariensis* (Gmelin, 1789)

Um pássaro famoso por seu comportamento de parasita de ninhos; os pais dessa espécie não cuidam de seus filhotes – o chupim invade o ninho de uma ave de outra espécie e deposita ali o seu ovo. Caso a espécie parasitada não perceba a diferença entre seus ovos e o do chupim, ela cuidará do filhote até que cresça. Cerca de 230 espécies são parasitadas pelo chupim (Lowther; Post, 2020). Essa é uma ave de penas pretas, os machos possuem um brilho azulado, as fêmeas são amarronzadas. Alimentam-se de artrópodes e sementes.

Chupim (*Molothrus bonariensis*)



FAMÍLIA PARULIDAE WETMORE *ET AL.*, 1947

Canário-do-mato, *Myiothlypis flaveola* Baird, 1865

Uma ave de canto alto e bastante melodioso, que pode ser ouvido em bordas de mata. Seu corpo é inteiramente amarelo, com um tom um pouco mais esverdeado sobre as costas. É uma ave agitada, está sempre pulando entre os galhos baixos e o chão da mata em busca de insetos e outros artrópodes. Mistura-se a bandos mistos, aqueles em que há mais de uma espécie de ave, para procurar alimento, inclusive ao perseguir formigas de correição. Pode ser ouvido em toda a UNISO.

Pula-pula, *Basileuterus culicivorus* (Deppe, 1830)

Um pequeno pássaro presente em boa parte da América Latina. Os pula-pulas do sudeste do Brasil eram, até 2014, considerados uma espécie separada, até que novos estudos demonstraram que suas diferenças dos outros pula-pulas não é tão grande geneticamente, o que os rebaixou a apenas mais uma subespécie. Suas costas são verde-oliva, sua cabeça é cinza-claro e cortada por listras pretas. No sudeste do Brasil, os pula-pulas possuem peito e barriga brancos, enquanto no resto do continente essas partes são amarelas. É uma espécie agitada, que

saltita bastante no estrato médio das bordas de mata, compondo até mesmo bandos mistos, onde desempenha um papel importante ao manter os grupos coesos.

Pula-pula (*Basileuterus culicivorus*)



FAMÍLIA THRAUPIDAE CABANIS, 1847

Saíra-de-chapéu-preto, *Nemosia pileata* (Boddaert, 1783)

O macho tem a metade superior da cabeça, o bico e os ombros negros, costas e cauda cinza-azulados. A fêmea se diferencia por não possuir as partes negras. Costumam andar em casais, mas às vezes se misturam a grupos de outras espécies. Forrageiam nas partes altas de árvores, onde encontram artrópodes, frutos e flores.

Saíra-de-chapéu-preto (*Nemosia pileata*) macho



Trinca-ferro, *Saltator similis* d'Orbigny & Lafresnaye, 1837.

Uma ave muito visada pelo tráfico de animais por conta de seu canto melodioso, por isso possui números reduzidos na natureza (Brewer, 2020). Seu bico é preto e robusto, o que dá origem ao seu nome comum. Seu dorso e asas são verde-oliváceos, a barriga e garganta são brancas, possui a cabeça cinza, uma longa e fina sobrancelha branca e listras pretas nas laterais do pescoço.

Cambacica, *Coereba flaveola* (Linnaeus, 1758)

Uma pequena e simpática ave de dorso cinza-escuro, ventre amarelo, garganta e rosto brancos e possui faixas negras sobre os olhos, seu bico é curto e curvado. Pula entre flores para alimentar-se de néctar, também gosta de frutas doces e alguns insetos. Está presente em bordas de mata, áreas abertas, praças e jardins. Seu canto é doce e suave, pode ser ouvido ao amanhecer nos canteiros próximos às estufas no NEAS.

Cambacica (*Coereba flaveola*)



Tiziu, *Volatinia jacarina* (Linnaeus, 1766)

Os tizius são pequenos pássaros granívoros que pulam entre as folhas do capim alto. Seu canto é um piado mecânico, muito peculiar, que soa dizer seu nome. O macho possui todas as penas pretas com brilho azul. As fêmeas e jovens são marrons e possuem o peito estriado. São muito comuns nos capins do NEAS, onde buscam alimento em bandos mistos com tico-ticos-rei e coleirinhos.

Tico-tico-rei, *Coryphospingus cucullatus* (Statius Muller, 1776)

Os machos de tico-tico-rei possuem uma linda penugem vermelha-vibrante, seu topete chamativo é delineado de preto. Já as fêmeas tem cor marrom-avermelhado, um tom mais sóbrio que os machos. Essa espécie costuma viver em campos e bordas de mata, alimentando-se das sementes de gramíneas.

Tico-tico-rei (*Coryphospingus cucullatus*) macho



Tiê-preto, *Tachyphonus coronatus* (Vieillot, 1822) Os machos de tiê-preto são preto-brilhantes e possuem uma estreita faixa vermelha em um topete quase nunca visível. As fêmeas são uniformemente marrons. São aves agitadas e podem ser encontradas sozinhas, em casais ou em bandos.

Pipira-vermelha, *Ramphocelus carbo* (Pallas, 1764)

A maior parte do corpo dos machos é marrom muito escuro, as exceções são a cabeça e peito, que são intensamente vermelhos, e o maxilar, que é grande e branco. As fêmeas possuem cores mais esmaecidas e o bico todo cinzento. Vivem em bandos de 4 a 10 indivíduos e se juntam a aves de outras espécies em árvores frutíferas para forragear.

Coleirinho, *Sporophila caerulescens* (Vieillot, 1823)

O coleirinho é um papa-capim, uma ave granívora que habita campos abertos. Adapta-se muito bem a ambientes degradados pela ação humana, e tem se espalhado mais pelo país conforme o desmatamento avança. Alimenta-se até mesmo de plantas exóticas invasoras, como a braquiária. Os machos possuem as costas e cabeça cinza-escuras, barriga branca. As fêmeas são marrons, como todas as fêmeas de papa-capins. Costumam juntar-se a grupos de outros granívoros.

Coleirinho (*Sporophila caerulea*) macho



Figuinha-de-rabo-castanho, *Conirostrum speciosum*
(Temminck, 1824)

Uma ave pequena e de hábitos pouco chamativos, difícil de observar em campo. O macho é cinza-azulado, e na base da cauda, ao redor da cloaca, possui uma mancha intensamente acastanhada. As fêmeas possuem um tom leve de cinza-esverdeado e a mancha acastanhada é pouco aparente. Apesar de ser uma das espécies mais amplamente distribuídas de seu gênero, sua história de vida ainda é pouco conhecida (Hilty *et al.*, 2024). Sabe-se que gostam de andar em bandos pequenos familiares.

Figuinha-de-rabo-castanho (*Conirostrum speciosum*) macho



Canário-da-terra, *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766)

Um passarinho famoso, muito visado por gaioleiros. O macho é de um lindo e intenso amarelo, com algumas estrias escuras no corpo e uma mancha laranja no topo da cabeça. A fêmea é marrom-amarelada e estriada. Seu canto é uma série de piados agradáveis. Alimenta-se principalmente de sementes de gramíneas dos ambientes abertos onde vive. Também se adapta fácil ao ambiente antropizado, sendo facilmente encontrado em praças, especialmente no interior. É uma ave comum na UNISO.

Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*) macho



Sanhaço-cinzento, *Thraupis sayaca* (Linnaeus, 1766)

Seu corpo é cinza-azulado, com exceção das asas e cauda que são verdadeiramente azuis. O sanhaço-cinzento alimenta-se principalmente de frutos, mesmo que por vez ou outra capture algum inseto ou semente. Vive em bandos pequenos e, diferentemente de outros sanhaços e saíras, ele é altamente resistente à interferência humana, podendo ser encontrado em qualquer área minimamente arborizada, é uma ave comum no dia-a-dia.

Sanhaço-cinzento (*Thraupis sayaca*)



Sanhaço-do-coqueiro, *Thraupis palmarum* (Wied, 1821)

Esta espécie é muito semelhante ao sanhaço-cinzento em silhueta, mas sua cor é verde-oliva. Como seu nome sugere, é uma ave bastante associada a palmeiras e coqueiros, as plantas onde vive. Alimenta-se principalmente de frutos e insetos, como outros sanhaços e saíras.

Sanhaço-do-coqueiro (*Thraupis palmarum*)



Saíra-amarela, *Stilpnia cayana* (Linnaeus, 1766)

Um belíssimo pássaro. O macho é amarelo, com asas e cauda verdes e uma enorme mancha negra que cobre do rosto à barriga. A fêmea amarela-esverdeada, com asas verdes e não possui a mancha negra. É comum em áreas semiabertas, praças e jardins.

Saíra-amarela (*Stilpnia cayana*) macho



O FUTURO DAS AVES NA UNISO

Como foi apresentado neste livro, a biodiversidade da avifauna da UNISO é considerável, e isso abre inúmeras portas para o desenvolvimento dos principais pilares de uma verdadeira universidade comunitária, como a pesquisa científica, a extensão e o ensino. Espero que esta publicação sirva de inspiração para que mais alunos de ciências biológicas e outros cursos se aventurem no mundo das aves do nosso campus!

GLOSSÁRIO

AFLORAR - surgir na superfície.

AVIFAUNA - conjunto espécies de aves de um local.

BICO CÓRNEO - estrutura feita de queratina que recobre a mandíbula, maxila e outros ossos da boca.

BIODIVERSIDADE - diversidade de espécies de um local.

BÍPEDES, BÍPEDE - que anda sobre duas patas.

CADEIA TRÓFICA - teia alimentar, a rede de relações de predação entre os organismos de um ecossistema.

CAPOEIRA, CAPOEIRAS - vegetação que cresce em área degradada.

CARACTERÍSTICAS HEREDITÁRIAS - características passadas de pais para filhos através da genética.

ECOTURISMO - turismo com foco em ambientes naturais e ambientalmente sustentável.

ESPÉCIE EXÓTICA - espécie que não ocorre em uma certa região naturalmente.

ESPÉCIE NATIVA - espécie que ocorre em uma certa região naturalmente.

FERAIS, FERAL - animal originalmente doméstico que se tornou selvagem novamente.

FLUXO GÊNICO - fluxo de trocas de genes que ocorre quando indivíduos de populações diferentes se reproduzem.

FORRAGEAR, FORREGEIO, FORRAGEAMENTO - ato de buscar por recursos alimentares.

MAGMA - rochas derretidas localizadas no interior do planeta, possui uma consistência pastosa.

MANTO - camada intermediária da estrutura do planeta, onde localiza-se o magma.

PISCIVORIA, PISCÍVORO - alimentação baseada em peixes, aquele que se alimenta de peixes.

ORNITOLOGIA - ciência que estuda as aves.

FAUNA SINANTRÓPICA - animais acostumados a viver em ambientes altamente modificados pela humanidade.

SUCCESSÃO NATURAL - processo natural de ocupação de espécies sobre um ambiente degradado que é dividido em três etapas: pioneirismo, intermediária e clímax.

VEGETAÇÃO SECUNDÁRIA - vegetação que ressurgue em uma área anteriormente degradada, segundo estágio da sucessão natural.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, L. F. *et al.* Eared Dove (*Zenaida auriculata*), version 1.1. Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2024. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.eardov1.01.1>.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portaria nº 148, de 7 de junho de 2022. Reconhece as espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção. **Diário Oficial da União**, Brasília, 8 jun. 2022.
- BREWER, D. **Green-winged Saltator (*Saltator similis*), version 1.0.** Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.grwsal1.01>.
- DECHOUM, M. S. *et al.* **Relatório temático sobre espécies exóticas invasoras, biodiversidade e serviços ecossistêmicos.** São Carlos: Editora Cubo, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4322/978-65-00-87228-6.cap1>.
- GREENEY, H. F.; PYLE, P.; BOESMAN, P. F. D. **Cliff Flycatcher (*Hirundinea ferruginea*), version 2.0.** Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2025. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.clifly1.02>.
- HILTY, S. L. *et al.* **Chestnut-vented Conebill (*Conirostrum speciosum*), version 1.1.** Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2024. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.chvcon1.01.1>.

HOUDE, P. *et al.* An unbiased molecular approach using 3'-UTRs resolves the avian family-level tree of life. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 118, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7783168/>. Acesso em: 20 maio 2025.

INTERNATIONAL COMMISSION ON ZOOLOGICAL NOMENCLATURE (ICZN). **International code of zoological nomenclature**. 4. ed. London: International Trust for Zoological Nomenclature, 1999. Disponível em: <https://www.iczn.org/the-code/the-code-online/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE (IUCN). **The IUCN Red List of Threatened Species**. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/>. Acesso em: 2 set. 2025.

LOWTHER, P. E.; POST, W. **Shiny Cowbird (*Molothrus bonariensis*)**, version 1.0. Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.shicow.01>.

PAYNE, R. B.; KIRWAN, G. M. **Guira Cuckoo (*Guira guira*)**, version 1.0. Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.guicuc1.01>.

PAYNE, R. B.; BONAN BARFULL, A.; KIRWAN, G. M. **Common Waxbill (*Estrilda astrild*)**, version 1.0. Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.comwax.01>.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 63.853, de 27 de novembro de 2018. Dispõe sobre as espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2018.

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. 2. ed. 3. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

STORER, R. W. Sexual dimorphism and food habits in three North American accipiters. **The Auk**, v. 83, n. 3, p. 423–436, 1966. DOI: <https://doi.org/10.2307/4083053>.

STOTZ, D. F. *et al.* **Neotropical birds**: ecology and conservation. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

WIKIAVES. Bacurau-chintã (*Hydropsalis parvula*). Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/bacurau-chinta>. Acesso em: 20 maio 2025.

WITYNSKI, M. Scissor-tailed Nightjar (*Hydropsalis torquata*), version 1.0. Birds of the World. Ithaca, NY, USA: Cornell Lab of Ornithology, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2173/bow.sctnig2.01>.

SOBRE OS AUTORES

Rafael de Oliveira Lisboa

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de Sorocaba (Uniso).

Nobel Penteado de Freitas

Dr. em Ciências Biológicas (Biologia Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Titular e coordenador do Núcleo de Estudos Ambientais da Universidade de Sorocaba (Uniso).

Thiago Simon Marques

Dr. em Ecologia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. Pós-doutor pelo Centro de Energia Nuclear na Agricultura da Universidade de São Paulo. Professor Adjunto II, coordenador do curso de bacharelado em Ciências Biológicas e coordenador do Laboratório de Ecologia Aplicada e Professor orientador no programa de pós-graduação Profissionalizante em Processos Tecnológicos e Ambientais da Universidade de Sorocaba (Uniso).



(Filiada à Associação Brasileira das
Universidades Comunitárias - ABRUC)

Missão da Universidade de Sorocaba

“Ser uma Universidade Comunitária que, por meio da
integração de ensino, pesquisa e extensão, produza
conhecimento e forme profissionais, em Sorocaba e
região, para serem agentes de mudanças sociais, à
luz de princípios cristãos.”

uniso.br